

ENSAIO.

SOBRE A

LIBERDADE DO COMMERCIO

DAS NAÇÕES.

EXAME DA THEORIA INGLEZA DA LIBERDADE  
DO COMMERCIO.

POR

CHARLES GOURAUD.

TRADUZIDO POR — AGOSTINHO ALBANO.

---

PORTO.

1859.



RC  
MNCT  
33  
GOU

Sala C

Est. XI

Tab. 2

N.º 15

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA

115

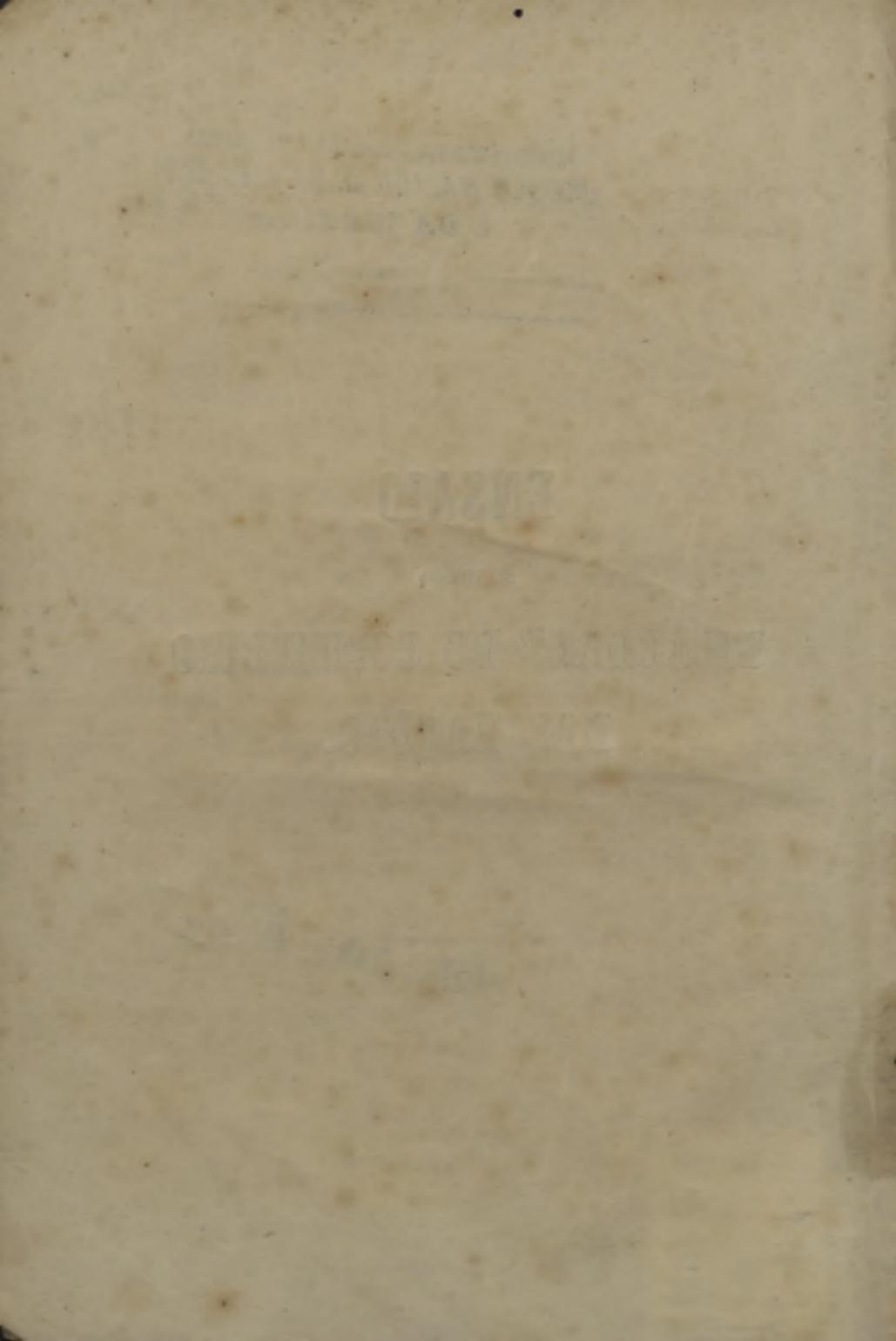
# ENSAIO

SOBRE A

LIBERDADE DO COMMERCIO  
DAS NAÇÕES.

Est. Tab. 5

Tab. 5



# ENSAIO

SOBRE A

# LIBERDADE DO COMMERCIO

DAS NAÇÕES.

1155

EXAME DA THEORIA INGLEZA DA LIBERDADE DO COMMERCIO.

1155

POR

CHARLES GOURAUD.

« A liberdade do commercio não é uma faculdade concedida aos negociantes de fazerem o que quizerem ; isso seria antes a sua escravidão. O que embaraça o negociante nem por isso embaraça o commercio. »

Montesquieu.



ENSAIO DE LIBERDADE DO COMMERCIO  
HOMULDE C. CAVALHO

RC  
MNC  
33

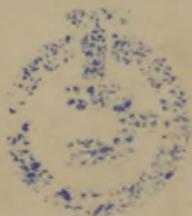
GOU

PORTO.

TYPOGRAPHIA DA « IMPRENSA. »

RUA DA CRUZ — N.ºS 56 E 57.

1859.



DEPARTMENT OF AGRICULTURE

UNITED STATES GOVERNMENT

AGRICULTURAL EXPERIMENT STATIONS

WASHINGTON, D. C.

For more information see page 1, and also the list of  
publications for the year 1914, which is  
in the back of this book.

Published by the Government Printing Office

ILL.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> SR.

Abusando da franqueza e amizade com que V. Ex.<sup>a</sup> muitas vezes me tem tratado, venho rogar-lhe o especial favor de prestar mais um valioso serviço em favor da nossa patria. Não ignora V. Ex.<sup>a</sup> que eu fui o primeiro que n'esta cidade saí a campo hasteando a bandeira da liberdade geral de produzir quando esta ia ser maneatada pelo despotismo que o forte exerce contra o fraco — despotismo acobertado com o nome de commercio-livre — pretendendo-se artemidamente seduzir com a magia da palavra liberdade, não só o povo rude, mas ainda, por meio de sophismas e astuciosos argumentos, aquelles a quem alguns estudos deviam tornar mais cautelosos na acceitação de doutrinas, que da fonte donde dimanavam não podiam deixar de ser recebidas com desconfiança pelos que amam verdadeiramente a sua patria e esperam ainda, e confiam no seu engrandecimento e prosperidade, se os homens que hoje estão, e de futuro vicrem a estar, á frente

da administração do paiz, se não deixarem seduzir pelos cantos da sereia e pelas promessas audazes dos que dizem e ensinam, que o meio de fazer d'este paiz um Eldorado é seguir as ideias economicas que tem arrastado, em breves dias, ao abismo as nações que tiveram a indiscrição de seguir tal systema. — Fatal cegueira!

Conservo apraziveis recordações das palestras que com V. Ex.<sup>o</sup> tenho tido sobre o transcendente assumpto dos dois systemas economicos que hoje se debatem: o da protecção e o da chamada liberdade do commercio. V. Ex.<sup>o</sup> sabe que, tanto em particular como em publico, eu tenho pugnado sempre pelo systema protector; senão com intelligencia robustecida pelo estudo theorico, ao menos com a convicção denodada aprendida no exemplo das nações poderosas e na propria experiencia.

O systema que se pretende inaugurar e que teria por fim, uma vez estabelecido, a completa ruina de todas as industrias do paiz, constitue, hoje, uma das especulações mais consideraveis para essa nação que hoje vê neste systema a unica taboa de salvação que abre as portas da maior parte dos mercados á sua poderosissima industria. Nada se tem poupado para estabelecer uma *propaganda munida de todos os elementos de força e seducção*, para conseguir o desejado fim; os homens de tino e saber que poderiam e deveriam intervir n'uma questão tão vital, os proprios e mais immediatos interessados, tem deixado correr á revelia as ideias absurdas d'uma seita que tem por fim dar o monopolio áquellas nações que, por circums-

tancias peculiares, gozam de grande superioridade sobre as outras que, com ellas não podem competir.

A propaganda tem tomado proporções gigantescas e parecia que o erro devia prevalecer. Quantas vezes, juntos, temos nós ambos lamentado este estado de cousas que parecia querer arrastar outra vez a nossa patria para a borda do abismo d'onde se ia desviando com mais ou menos prospera fortuna!

Tenho encontrado em V. Ex.<sup>a</sup> um estrenuo defensor do systema protector de todas as industrias, systema que V. Ex.<sup>a</sup> entende unico capaz de fazer a prosperidade da patria e de remediar muitos inconvenientes encontrados na administração publica. Esta opinião que parecia ter poucos proselitos, por isso que não se ostentavam na tribuna, na imprensa, e no magisterio, começa a surgir da apathia em que tem jazido, e já hoje vejo com prazer combatidas por alguns homens de abalizados conhecimentos e de nome respeitado na republica das letras, as ideias que julgamos, ha tanto tempo, prejudiciaes ao paiz.

Reconheço a conveniencia de auxiliar tão boas disposições, de fazer germinar nos animos de todos, os bons principios, de levantar, finalmente, alguns reductos d'onde os homens, verdadeiramente amantes da sua patria, possam oppor-se á invasão da propaganda destinada a avassallar o paiz ás industrias estrangeiras, e bradar aos que teem nas mãos o leme do Estado — áleria.

Muito proveitoso seria, para conseguir o fim que tenho em vista, a vulgarisação das ideias proclamadas

em França por Carlos Gouraud no seu *Ensaio sobre a liberdade do commercio das nações*, avaliando pela impressão que em nós causou a leitura de alguns capitulos interpolados d'esta obra que V. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de ler-me em algumas das nossas palestras.

Se V. Ex.<sup>a</sup> quizesse encarregar-se da traducção de tão importante obra, eu a faria publicar. Coadjuvando-me V. Ex.<sup>a</sup> com este trabalho fará um importante serviço ao paiz, e a mim particularmente uma grande fineza, a que serei sempre grato.

Accete V. Ex.<sup>a</sup> os meus cordes protestos de estima e amizade; e sou com todo o respeito e consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>

Porto, 4 de Janeiro de 1859.

Am.<sup>o</sup> intimo e humilde servo

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Anthero Albano da Silveira Pinto,

Antonio da Silva Pereira Magalhães.

ILL.<sup>mo</sup> AM.<sup>o</sup> E SR.

Recebi a sua carta de 4 de Janeiro que agradeço, cumprindo-me responder-lhe, que approvo o seu proceder em coadjuvar a cruzada que se ergue contra os propaladores de ideias aniquiladoras de toda a prosperidade e engrandecimento de Portugal.

O contingente que V. S.<sup>a</sup> de mim reclama para desenvolvimento e vulgarisação de bons principios economicos é bem pequeno, quizera que na minha mão estivesse prestar-lhe mais valioso auxilio, porque primeiro que tudo sou portuguez, e como tal desejo a prosperidade e engrandecimento de Portugal, que não pode comprar-se com outra moeda que não seja a da egualdade de todos os cidadãos perante a lei lealmente acatada, e a protecção indispensavel a todas e quaesquer industrias creadas ou que pretendam crear-se no paiz.

As minhas occupações, muitas e variadas, não permitem occupar-me pessoalmente do trabalho de que V. S.<sup>a</sup> me encarrega, e sobre tudo para o apresentar com

brevidade, incumbo pôrem. hoje mesmo, esta tarefa, a meu filho Agostinho, que espero a desempenhará regularmente, e apresentará a V. S.<sup>a</sup> o manuscrito da traducção logo que esteja concluido.

Sou com a maior consideração e verdadeira estima

De V. S.<sup>a</sup>

Amigo affectuoso e obrigado

Porto, 5 de Janeiro  
de 1859,

Anthero Albano da Silveira Pinto,

ENSAIO  
SOBRE  
A LIBERDADE DO COMMERCIO DAS NAÇÕES.



## INTRODUÇÃO.



## INTRODUÇÃO.

### OBJECTO E DIVISÕES DESTA OBRA.

As nações, dividindo entre si o universo, não puderam partilhar ao mesmo tempo todos os bens. *Non omnis fert omnia tellus*; nem toda a terra produz toda a especie de fructos. Pelo contrario, a existencia d'uma riqueza sobre um ponto dado do mundo é alli ordinariamente exclusiva da existencia de uma outra: o solo onde prospera a vinha não é aquelle em que se encontra a abundancia dos metaes; o paiz da seda não é o do algodão, e o das maltas não é o dos prados. Por isso o territorio d'uma nação, qualquer que seja, nunca lhe offerece um theatro que satisfaça ás necessidades da sua existencia. Se a sua riqueza excede as necessidades da população que o cobre, em uma ou duas especies de produções, esse territorio acha-se sempre, seja em totalidade, seja em parte, desherdado da maior parte das outras. Resulta d'aqui para cada sociedade, nos limites do dominio de que é proprietaria, um luxo e uma indigencia que a sollicitam igualmente a entrar em relações com as outras: por um lado, para trocar os productos de

que superabunda; pelo outro, para se abastecer daquelles de que carece. Assim se estabeleceu, desde os tempos mais remotos, o commercio de nação para nação.

O progresso deste commercio é de interesse para a civilisação.

É facil de ver que, se cada nação, contentando se com os productos do seu clima, vivesse entrincheirada nas suas fronteiras, os excedentes de todos os territorios e de todas as industrias ficariam inuteis, em prejuizo de cada um e de todos, e resultaria d'aqui para o mundo um immenso empobrecimento. Pelo contrario trocando o superfluo das riquezas, sejam naturaes, ou artificiaes, que possuem e que não consomem, pelos productos estranhos ao seu solo, os povos augmentam mutuamente o seu bem-estar. Como productores acham muito maior extracção; como consumidores, um maior deposito, e augmentam assim ao mesmo tempo os recursos do seu trabalho e da sua subsistencia. Mas isto não passa d'um resultado material; as relações commerciaes dos differentes estados são tambem um grande beneficio moral. O commercio aproxima as nações, e, approximando-as, illumina-as. Começam por negociar com os seus bens; depois comparam os seus habitos de trabalho; uma troca mais proveitosa que a dos productos, a troca dos segredos e agentes de produção, se estabelece entre ellas: o commercio então não é só o alimentador e transportador do globo, torna-se a escola do genero humano. Uma emulação nobre se apodera dos animos: as sciencias e as artes, estimuladas de todos os lados, fazem esforços desconhecidos; novas conquistas da

humanidade sobre os mysterios e obstaculos da natureza são o premio destes esforços. Os costumes tambem experimentam os effeitos d'esses progressos. As nações tomando reciprocamente os seus costumes e ideias, aprendem a conhecerem-se; diminuem-se-lhes os prejuizos, embotam-se-lhes as antipathias, tornam-se-lhes mais faceis as relações, aperfeiçoam-se-lhes os costumes ao mesmo tempo que os allumia a luz dos conhecimentos e que augmenta o seu bem-estar. Imaginai que um tal commercio seja interrompido ou supprimido: a perda moral do genero humano é ainda maior do que a perda material; não é só o melhor agente da sua prosperidade que lhe falta, é uma das molas mais poderosas da civilisação geral que se despedaça.

Considerações d'uma ordem tão elevada deviam naturalmente, chocando as almas mais ardentes, suggerir-lhes o pensamento de que nunca seriam demasiadas as franquias para o commercio das nações. Se com effeito, á medida que se vão augmentando as relações commerciaes dos povos, se aperfeiçoa a condição material e moral da humanidade, é tão generoso como logico deduzir que, quanto menos obstaculos encontrarem essas relações em se estabelecer ou embaraços que vencer, tanto mais crescerá a civilisação: d'aqui se conclue que, se a liberdade illimitada do commercio reinasse de polo a polo, a riqueza, e, o que vale mais que a riqueza, o adiantamento moral do mundo cresceria d'um modo incalculavel, só havia a dar um passo bem tentador, e o espirito humano seria singularmente rebelde ao desejo de felicidade e perfectibilidade que o devora, se o demonio tentador do melhor não o tivesse deslumbrado ainda esta vez.

Foi o que effectivamente aconteceu; e d'aqui resultou a invenção do systema que alcançou hoje uma tão grande celebridade, com o nome de *liberdade do commercio*.

O encadeamento dos principios d'este systema é tão rigoroso como a ideia d'onde saiu é absoluta. Partindo do principio de que as relações commerciaes dos povos são um dos agentes mais poderosos do seu bem estar e da sua civilisação, e que por consequencia todo o obstaculo de qualquer especie que seja que embarace o exercicio ou extensão d'estas relações é um obstaculo á felicidade e aperfeiçoamento moral do genero humano, os apologistas da liberdade do commercio propoem destruir radicalmente as barreiras que separam os differentes territorios e impedem cada povo de commerciar livremente com o resto do universo. Essas barreiras são conhecidas debaixo do nome de *alfandegas*, tem, dizem elles, por origem e sustentaculo a vantagem dos interesses egoistas e mal entendidos de cada nação sobre o bem visivel de todas. A sua suppressão, tal é o fim a que todo o espirito illustrado e todo o governo esclarecido deve aspirar. A prudencia exige sem duvida que esta suppressão não se opere senão gradualmente, mas cada dia deve marcar um novo progresso n'este caminho, e o que resta d'este seculo é sufficiente para o percorrer todo. Os nossos vindouros, se soubermos cumprir a missão da nossa idade, dever-nos-hão a mais grandiosa e mais fecunda revolução da historia. O universo, dividido hoje em vinte territorios, officinas e mercados invejosos, não lhes offercerá senão um só e immenso dominio cujo usufructo pertencerá a todos e a propriedade a nin-

guem; a industria de todos os paizes será em toda a superficie do globo desnacionalisada como a sua cultura; o mundo enfim transformar-se-ha n'um balcão commum onde todos os climas livremente comparecerão com todas as suas riquezas. A China levará alli a seda e o chá; as Antilhas, o seu café e assucar; a India, as suas especia-rias e tecidos; a America, os seus algodões, metaes e madeiras; a Inglaterra, o seu carvão e ferro; a França, os seus vinhos e quinquilharias; a Russia, os seus cereaes; todos os povos finalmente, levarão alli os variados productos da sua agricultura, da sua industria, e das suas artes; e formarão entre si uma republica commercial universal, da extensão do proprio mundo, em cujo gyro inteiro o transporte e a troca será absoluta e irrevogavelmente livre. As consequencias economicas e financeiras d'uma tal revolução serão incalculaveis: não se imagina até onde se estenderá a facilidade do movimento dos capitaes, do deslocamento dos operarios, &c, mas as consequencias moraes serão ainda mais maravilhosas. Da mesma sorte que o universo não formará senão um territorio, a humanidade não formará senão uma confederação ou antes uma sociedade de nações. A unidade por tanto tempo dispersa da raça humana será reconstituída. Ao reinado de ferro da velha lei que, espalhando os homens por toda a terra, os tem, durante tantos seculos, em opposição uns com outros, succeder se ha a idade d'ouro com uma lei nova que os reunirá em volta do mesmo lar, como os filhos prodigos da mesma familia. Em vez de verterem torrentes do seu mais puro sangue pela conquista d'uma aldeia, ligar-se hão todos entre si pelos

laços da fraternidade e da paz, e vel-os-hão, no seio d'uma concórdia profunda, trabalhar em common, com o unico fim do bem-estar uiversal, na grande obra do destino humano.

Tal é a liberdade do commercio: doutrina extraordinaria, mesmo nos nossos dias, em que em materia de doutrinas temos visto ultrapassar, se é possível, os limites do extraordinario.

Em si, e apenas como um facto curioso da historia da intelligencia humana, um tal systema merecia chamar a attenção; mas a importancia que tomou no movimento das ideias contemporaneas o torna muito consideravel a outros respeito. Não somente as suas maravilhosas perspectivas seduziram a maior parte dos economistas, o que não tem nada de surprehendente por que o vulgo deixa-se levar pelas apparencias; mas os seus principios acharam partidarios entre um certo numero de espiritos distinctos pelo seu saber e conhecimentos. A flor d'estes partidarios patenteou no apostolado e defesa de suas convicções, o brilho e calôr que animam e inflammam sempre a palavra de homens talentosos e convencidos. Toda a imprensa, e, o que é ainda mais grave, de todas as cadeiras de economia politica sem excepção re-tumbou a exposição, demonstração e controversia da liberdade do commercio. Tornou-se uma especie de doutrina de Estado ensinada com tanta religião como outr'ora os quatro principios nas universidades da idade media, e a fé dos seus sequazes é hoje tão firme e tão melindrosa que não é permitido contestar os seus fundamentos sem attrahir a si as iras d'uma escola inteira. Veio em fim um grande acontecimento, estranho a estes

simples successos intellectuaes, dar á liberdade de commercio uma especie de sancção pratica que augmentou consideravelmente a sua importancia e fama. A Inglaterra, obedecendo a necessidades urgentes, reformou as suas páutas em proporções d'uma extrema ousadia e com vistas a que a sua politica se applicou, com uma arte incomparavel, de fazer passar aos olhos do resto do mundo por simples suggestões do espirito de philantropia. A escola de liberdade do commercio auctorisou se com este exemplo, e a reforma da legislação sobre a alfandega ingleza tornou-se nos seus escriptos um ideal pratico cuja imitação ella propoem continuamente aos povos. Muitas pessoas que a nova theoria em si não conseguia persuadir, ficaram admirados da applicação na verdade surprehendente que homens de negocio tão consummados, como os inglezes, ousavam tentar, e a liberdade do commercio, em razão desta fluctuação de intelligencias accidental e momentanea, viu crescer ainda mais o seu credito.

Este credito, qualquer que seja, será merecido?

Vivemos n'um seculo em que a regeneração do genero humano tem produzido mil projectos chimericos. Por isso os auctores d'um projecto novo, qualquer que seja, concebido com um tal fim, não só não se devem admirar que as pessoas de boa fé e de capacidade, antes de o admittir, o examinem, mas devem desejar, pelo contrario, que esse exame seja tão exacto e escrupuloso quanto seja possivel. Se o seu systema é bom, não teme a luz, se a teme, está julgado. Pensou-se que o systema da liberdade do commercio, em todo o

cazo, pelo barulho que fazia no mundo e pelo lugar que n'elle occupava, era digno de fazer o objecto d'um d'esses estudos sérios e profundos a que tem direito toda a doutrina que poudo, justa ou injustamente, obter, uma certa popularidade, e a approvaçãõ d'algumas intelligencias elevadas.

Este pensamento deu origem á obra que se vai ler.

O objecto em si é grande. Se na verdade, é grande empresa o mudar as leis do universo, não é mediocre trabalho o avaliar essa empresa. E' preciso seguil a em todo o seu curso, examinar os motivos e as consequencias de cada uma das suas innovações, comparar o estado de coisas que tem por fim destruir com o que pretende substituir-lhe, pesar os interesses certos que sacrifica, apreciar as vantagens aleatorias que promette, em fim não esquecer, tanto quanto seja possivel, nenhum dos seus inconvenientes nem nenhuma das suas vantagens. E' esta uma tarefa bem trabalhosa para se entrar n'ella ao acaso. Um plano de indagações, que ao menos se recommenda pela sua simplicidade, se offerece naturalmente ao espirito: o systema da liberdade do commercio se apresenta ao mesmo tempo como doutrina philosophica, procurando conquistar o mundo das intelligencias, e como systema pratico, pedindo para se estabelecer no dominio dos factos. Parece-nos que a appreciaçãõ que delle nos propozemos fazer ganharia em ordem e clareza, examinando separadamente o que vale como doutrina e quaes os resultados que produziria na sua applicaçãõ. Como doutrina, o systema da liberdade do commercio pretende relevar principios capazes de tor-

nar o commercio dos povos não só mais livre do que nunca se viu, mas tão livre quanto se possa imaginar; como fructo d'essa liberdade soberana, promette ao genero humano uma era de bem-estar e de aperfeiçoamento moral sem precedentes na historia: o mundo finalmente, se se conformar com as regras de direcção que lhe expõe, deve tornar-se tão livre, tão feliz e tão civilizado quanto o permite o plano do seu destino. Qual é a solidez das bases em que descança este brilhante edificio? E' o que vamos examinar n'um primeiro livro. Mas o systema da liberdade do commercio não é sómente ao ver de seus sequazes o ideal do economista philosopho, é tambem o modelo que deve realisar desde hoje todo o estadista digno de este nome. A Inglaterra abriu o caminho: todas as outras nações, segundo os apologistas da liberdade do commercio, a menos que não queiram desconhecer os interesses mais evidentes e mais caros da sua prosperidade e da sua grandeza, devem correr a imital-a. Quaes seriam, dado como ponto de partida o actual estado economico do universo, as consequencias d'uma tal revolução? E' o que um segundo livro tem por objecto indagar. E' enfim, encarado separadamente debaixo do ponto de vista theorico e debaixo do ponto de vista pratico, o systema da liberdade do commercio enuncia principios e tira conclusões que interessam ao mesmo tempo a economia politica considerada como sciencia e considerada como arte. Achar-se-ha n'uma conclusão algumas considerações sobre este duplicado objecto. Fructo natural de todas as indagações que a precederam, esta conclusão lhe servirá de resumo e de remate. O leitor formará

depois o seu juizo sobre o systema da liberdade do commercio e sobre este livro. Possam então os deuses da utopia e da paixão particular ficarem neutros, e todos animados, do unico espirito que nos inspira, formarem o seu juizo tendo sómente em vista os bens sagrados da verdade e do Paiz!

# ENSAIO

SOBRE A

## LIBERDADE DO COMMERCIO DAS NAÇÕES.

---

### LIVRO PRIMEIRO

PRINCIPIOS COMPARADOS DA LIBERDADE DO COMMERCIO,  
E DA LIVRE PERMUTAÇÃO.

---

#### CAPITULO PRIMEIRO

CARACTER GERAL DA LIBERDADE DO COMMERCIO.

**A**RISTOTELES, ha vinte seculos, descrevendo, com a historia diante de si, as leis eternas que presidem á formação, ao progresso, revoluções e ruina dos estados, e comparando as feições do seu modelo com as pinturas imaginarias que d'ellas tinham sido dadas, antes delle dizia: «A sciencia não faz os homens, toma-os taes quaes a natureza os fez;»

palavra de genio tão profunda quanto simples, e cuja meditação nunca se recommendará demasiado aos nossos contemporaneos. Uma vertigem incomprehensivel effectivamente se apoderou dos animos: não se encontra por toda a parte senão gente occupada em reformar o genero humano. Olhar o mundo tal qual elle é, tal como saiu das mãos de Deus, do lento trabalho das gerações e dos annos! Ora! Qual é o homem de imaginação capaz de descer até ahí nos nossos dias? Qual é o auctor bastante despido de invenção para não dar leis ao universo sem nunca se ter dado ao trabalho de o observar? Os Aristoteles e os Newton, os Montesquieu e os Cuvier, só pediam á experiencia a descoberta dos planos da natureza; mas hoje que importa a natureza e os seus planos! O mais modesto fazedor de systemas os fará quando quizerdes, eguaes; e que duvida, reflectindo um pouco, que não consiga fazel-os muito melhor? Daqui vem a innumeravel legião de novellas de reforma religiosa, social, e politica, que atordoa a nossa época: novellas concebidas n'um desprezo, que nunca tinha talvez chegado a este grau, das necessidades da vida real, lições da historia e mesmo ensino de bom senso vulgar.

O systema da liberdade do commercio, deveremos dizel-o? accusa, á primeira vista, um ar de parentesco funesto com essas locas doutrinas.

Não é mais que uma semelhança puramente exterior, talvez, sem consequencia quanto á realidade das coisas, e seria temerario o apressarmo-nos a deduzir d'ella coiza alguma; mas enfim a semelhança é notavel, e, desde o começo destes estudos, convem o verifical-a. É bem evidente que

os apologistas da liberdade do commercio, tambem não consideram o mundo tal qual elle é, pois que da sua propria confissão, pretendem dar-lhe uma forma que a seu ver elle sempre devera ter tido, e que é tempo para seu bem-estar, que elle tome. A mais simples comparação do universo commercial tal qual elles nol-o representam e desse mesmo universo tal qual elle é, basta com effeito para mostrar a enorme differença que os separa.

O globo, segundo elles, deveria formar um só territorio, a humanidade um só povo, e, todos os paizes civilizados uma só officina e um só mercado. Considerando a terra tal qual ella podia ser antes da raça humanaahi ter apparecido, como que formam um mappa mudo do qual apagam toda a distincção de nação e de governo. Não ha mais pelo menos emquanto ao commercio, sobre esse vasto espaço, America nem França, Inglaterra nem Russia, Turquia nem Allemanha, Hespanha nem Italia: só ha cidadãos de uma mesma e indivisivel republica, não se occupando, sem nunca serem distrahidos por uma preocupação de interesse nacional, senão em encurtarem as distancias que os separam, em augmentarem as suas communicações e em tornarem-nas menos dispendiosas, em alargarem e multiplicarem as suas relações, em destruirer todos os obstaculos materiaes, administrativos ou moraes, que a politica alevante entre ellés. Será este o espectaculo que nos offerece o universo, considerado tal qual elle é, tal como o formaram os instinctos da sua natureza e o correr dos tempos? Porventura apresenta-nos o universo um só mercado onde, com uma independencia absoluta de qualquer es-

pirito de nacionalidade e das necessidades sagradas que essa necessidade cria, os productos da riqueza circulem d'um polo ao outro tão facilmente como no interior d'uma provincia? Não: o universo appresenta-nos vinte povos invejosos e vinte mercados rivaes; esses vinte mercados e esses vinte povos tem, no sentido philosophico da palavra, interesses egoistas, isto é interesses que procedem do seu instincto de conservação nacional, do que se chama n'uma outra ordem de ideias o patriotismo, o amor do solo natal. Estes interesses, no que lhe diz respeito, dependem da geographia physica e politica do territorio nos limites naturaes ou de convenção do qual nasceram e se agitam, e dependem tambem do clima do paiz, da qualidade do terreno, da sua situação, da sua extensão, do genio do povo, pacifico ou guerreiro, selvagem ou policiado; do genero de vida d'esse povo, segundo for insulano, continental, caçador, pastor, agricultor, industrial, commerciante, financeiro, uma destas coisas separadamente ou muitas ao mesmo tempo. A religião, a raça, os costumes, a população, as tradições, a constituição social e politica, as leis, os usos e habitos de toda a especie, as proprias maneiras influem tambem na tendencia particular dos interesses nacionaes. Pois bem! a lucta destes mercados, o ciume desses povos, a harmonia ou discordia desses interesses, segundo os lugares, as circumstancias e os tempos, eis-aqui de que se compõe e de que vive o mundo commercial tal qual elle é. Cotejai-o com o mundo que os apologistas da liberdade do commercio imaginam, e comparai!!

Seja! dirá um discipulo da escola; mas não

é para admirar que o regimen commercial actual diffire, e mesmo completamente, do que lhe queremos substituir; o que seria para admirar é que se assemelhassem: um, o nosso, realisa o ideal da melhor organização do commercio possível; o outro, o que existe presentemente e que nós queremos transformar, constitue o peor estado em que o commercio, a nosso ver, podia cahir.

— Muito bem! responderemos nós tambem; mas o unico ponto que até aqui pretendiamos demonstrar nem por isso deixa de ficar melhor estabelecido, isto é, que o systema de liberdade do commercio, á imitação de todas as doutrinas imaginarias da nossa época, á imitação mesmo das mais violentas e mais desarrazoaveis, segundo o exemplo dos systemas socialistas da organização do trabalho, da egualdade dos salarios, do imposto progressivo, de todos esses sonhos insensatos e perniciosos que em todo o tempo amedrontaram o bom senso e que ainda hontem espantavam a sociedade, é que o systema da liberdade do commercio, dizemos nós, semelhante n'isto ás mais loucas fantasias dos nossos dias, não attende por nenhum modo ao estado commercial do mundo tal como o estabeleceram a natureza das coisas, a dos homens e o tempo.

Ora é certo, que desprezando assim a natureza e a historia, se não dá prova de philosophia nem de prudencia.

Procura-se o ideal, dizem elles: sublime e generosa dedicação é a sorte das bellas almas que de continuo aspiram a isso! Mas o ideal da organização do mundo, em qualquer ordem que seja, tanto na ordem commercial como em todas as ou-

tras, não é um segredo cuja concepção possa des-  
abrochar n'uma bella manhã no cerebro de uma  
tão fragil creatura como o homem. O que Deus faz  
é bem feito. Pelo menos é provavel que o univer-  
so tal qual elle o dispoz está com uma ordem mais  
perfeita do que aquella que lhe dariamos em seu  
lugar. A indagação da sua organização ideal reduz-  
se á das leis mais sublimes da sua organização real.  
A philosophia em toda a materia é a sciencia das  
intencões da Providencia; ora, essas intencões,  
cujo systema compõe effectivamente, no sentido  
profundo da palavra, o ideal, isto é, a reunião das  
ideias constitutivas da natureza das coisas, essas  
intencões não se adevinham nem se substituem. E'  
nos factos que se manifestam; é alli, se as quize-  
rem conhecer, que se deve procurar o vestigio dellas.  
Emquanto a supprimil-os e substituir-lhes fanta-  
sias de escola, não ha nada de mais temerario nem  
de menos admissivel. Que é isso! sois philosophos,  
pelo menos assim o asseverais, e preferis com to-  
do o desembaraço as vãs concepções do vosso es-  
pirito aos planos fixados por aquelle cuja sabe-  
doria é o objecto de adoração de toda a philoso-  
phia! Deus dividiu o genero humano em nações;  
dispoz no fundo do coração do homem um sen-  
timento sagrado, o amor do solo que o viu nas-  
cer; esse instincto é um dos agentes mais visi-  
veis da civilisação: e vós, com um traço de pen-  
na, apagais do mappa do globo toda a distincção  
de nações, declarais que d'ora ávante não ha-  
verá mais patriotismo no mundo, que os homens  
serão cidadãos do universo! Isto seria melhor,  
pensam elles. Mas onde vão elles buscar a teme-  
ridade de o pensar, quando a natureza, pelos

factos, demõstra tão claramente que a Providencia, cujo parecer sem duvida deve ser ouvido, julgou que seria peor?

Sem duvida a pretensão é grandiosa, mas é perigosa. E' tambem apoz do ideal que correm, segundo elles affirmam, todos os regeneradores religiosos, sociaes e politicos dos nossos dias. Tambem esses, com pretexto de ideal, a seu talante supprimiram esta ou aquella paixão da natureza humana, este ou aquelle obstaculo da natureza phisica; tambem esses, tomaram o mappa do mundo e o coração do homem, eliminaram á sua vontade esta instituição grande que os incommodava, aquelle sentimento grandioso que os desordenava. Que conseguiram elles? Que produziram, esses profundos regeneradores do universo? Romances cujo menor defeito foi abalar o bom senso. O systema da liberdade do commercio estará destinado a tão triste sorte? Não digo isso; até agora, nada seia tal respeito: o que sómente noto, é o que é flagrante, é que não considerando o mundo tal qual elle é, os seus partidarios caminham pelas mesmas pisadas de todos os falsos doutores de agora; e consequentemente, a menos que não seja uma excepção inteiramente especial, seguindo o mesmo methodo, uns e outros devem necessariamente chegar ao mesmo fim.

Mas os partidarios da liberdade do commercio não attenderam nem á historia nem á natureza, e esta nova desconsideração, segunda feição inconveniente de semelhança entre a sua theoria e os romances mais desacreditados de nossos dias, é de tanta importancia verificar como a outra.

A historia talvez que nunca fosse mais en-

sinada nem mais conhecida do que hoje, e com-tudo, coisa singular! as suas lições nunca foram me-nos comprehendidas. E' o effeito da nossa vaidade, a paixão pelas chimeras que nos embriaga e nos desencaminha. Parece que tudo quanto existe criado no mundo, o foi ao mesmo tempo que nós e que o que se fizera até então não serve senão para testemunhar a profunda ignorancia de nossos pais: temos uma febre de reformas que nos faz olhar com desdem para o que os seculos anteriores esta-beleceram e consagraram; não ha uma instituição antiga que esteja amoldada á nossa sorte e ás nossas necessidades; enfim, os fundamentos seculares da vida humana estão gastos e só se esperava por nós para os mudarmos. Religião, governos, finanças, & não ha nada nos nossos dias que esse desprezo pelos conhecimentos dos nossos antepassados e esta fé no nosso talento não tenham ameaçado destruir. Pois bem! não é esse mesmo e fatal espirito que parece animar os partidarios da liberdade do commercio? Que-rem supprimir as alfandegas entre os povos. Abri a historia: vereis que não ha grande administra-dor nem grande politico que não visse, seja na criação, seja na conservação d'essas alfandegas, um instrumento de prosperidade e de grandeza pa-ra os povos; vereis ainda alguma coisa de mais decisivo, é que toda a nação que tomou um lu-gar eminente no commercio do mundo não che-gou a conseguil-o, a consolidal-o e a conserval-o senão cobrindo as suas fronteiras de alfandegas. Será preciso recordar nomes e citar factos? Quem ignora que a colossal opulencia da Inglaterra tem por origem os primeiros privilegios concedi-dos por Eduardo III aos fabricantes de pannos do

seu reino, e que a primasia marítima a que essa nação chegou não é devida senão ao celebre acto de navegação de 1650? Por ventura desconhece alguém que depois da morte Mazarin, a industria, o commercio, e a navegação da França nada valiam no mundo, e que Colbert, só em virtude d'um systema de Alfandegas, deu á França marinha mercante e de guerra, estabelecimentos de pesca, colonias e manufacturas, riquezas materiaes que foram a origem d'uma immensa importancia politica? Mas bem depressa abandonaram as tradições d'esse grande homem. A revogação do edicto de Nantes descarregou um golpe funesto na industria franceza; emigrou para a Allemanha. O grão-eleitor e Frederico II acolheram a rica fugitiva, e, para a conservar nos seus estados, protegeram-na por um circulo de alfandegas: desde então datam a importancia manufactureira e a maior parte do ascendente politico da Prussia. Comtudo o tempo corre, rebenta a revolução, e apparece Napoleão. Encontra a industria, como quasi todas as coisas então em França, por terra: um vergonhoso e inepto tratado, o tratado de 1786, entregando as fabricas francezas aos inglezes, reduzira esses mesmos restos a pó. A mão reparadora do primeiro consul alevanta as alfandegas; mais tarde, a politica do imperador com o bloqueio continental leva o systema protector ao seu mais alto grau de energia. Desde logo a industria franceza restabelecida faz maravilhosos progressos, e a Europa inteira, protegida por essa poderosa egide, cobre-se de manufacturas e décupla a sua riqueza. Olhai emfim para a Russia e para a America: offerecem o mesmo espectáculo. A Russia era selvagem e pobre:

Pedro-o-Grande e Catharina II attrahiram alli as industrias estrangeiras, e acclimataram-nas por meio de privilegios; desde entao começa a prosperidade d'esse vasto imperio. Os Estados-Uuidos, apenas emancipados, levantam manufacturas, mas não curam de protejel-as por meio de pautas; a Inglaterra esmaga no berço esses estabelecimentos; Washington vê o mal, applica-lhe o remedio: alfandegas; desde logo a industria americana começou a prosperar.

Tal é a historia da protecção pelo systema de alfandegas; e contudo, sem se dignarem considerar essa historia, sem dar attenção á gravidade de levantar a mão sobre uma instituição tão publicamente consagrada pelo genio e pela experiencia, os partidarios da liberdade do commercio propoem a suppressão pura e simples como a medida mais natural do mundo! Não será isto, exactamente, o caracter e o proceder dos innovadores mais romanticos de nossos dias, e esta nova semelhança d'uns com outros no menosprezo das lições do passado não será digna de inquietar os homens sensatos e dar-lhes que reflectir?

Disseram: Mas em virtude de semelhantes principios, não ha uma instituição no mundo que, pelo simples facto de existir, ainda que seja a mais odiosa, não mereça ser respeitada: é o segredo de perpetuar os abusos e de proscrever o progresso. Alem d'isso, não ha estabelecimento humano que seja eterno, e que, por ter sido conveniente, necessario mesmo em certo tempo, gose por isso do privilegio de o ser sempre.

Pelo menos a primeira d'estas excepções é fraca. Não ha duvida que não basta que uma ins-

lituição exista para que se conserve. Quando uma instituição vexa e opprime a humanidade, o dever do philosopho não se limita a não ceder com a multidão ao respeito supersticioso estabelecido pelo uzo, é tambem levantar contra esse uzo a revindicação tão brilhante quanto seja possivel dos direitos de civilisação. Assim, por exemplo, quando o auctor do *Espirito das Leis*, esse sublime metaphysico, tão religioso observador dos factos, encontra diante de si o abominavel uzo da inquisição, não é bastante, a seu ver, qu'ella exista para que seja justificada. Quem não leu o arrazoado, obra prima de razão, de enthusiasmo e de ironia, ditado pela atrocidade dos inquisidores a favor da liberdade dos cultos? Eis o modelo do publicista philosopho, não condemnando nunca o facto senão n'um unico caso, no caso em que o facto viola o principio, mas condemnando-o então, com toda a energia de que é susceptível, em nome da sciencia e da natureza, como uma mentira e como um monstro. Comtudo ninguem pretendia que a regra seja applicavel aqui; porque a protecção pelo systema de alfandegas não viola certamente nenhuma das leis nem de moral nem de humanidade. Pelo contrario, é evidentemente, o direito natural das nações o procurar augmentarem a sua riqueza, a sua importancia, o seu bem estar, e adoptarem para esse fim esta ou aquella medida fiscal, administrativa ou politica reconhecida pela experiencia. Montesquieu, pelo menos, esse grande juiz dos direitos do genero humano, nunca julgou que a instituição das alfandegas o opprimisse; pelo contrario seu penetrante genio não viu n'ellas senão vantagens, e a opinião que appresenta a respeito

d'ellas é a mesma que já antes d'elle havia sido appresentada por Colbert, e que depois foi partilhada por Frederico e Napoleão.

Emquanto ao direito de modificar e até abolir instituições que, proveitosas em certo tempo, tornam-se com o andar dos annos inúteis ou prejudiciaes, esse direito tomado na sua generalidade é incontestavel, e effectivamente ha mil exemplos de regulamentos publicos, que sendo excellentes na epocha em que appareceram, mais tarde foram mudados ou supprimidos com tanta vantagem como outr'ora se encontrara em os estabelecer. Mas essas mudanças e essas suppressões, sobre tudo quando se trata d'um corpo inteiro de leis muito tempo experimentadas, nunca devem ser provocadas senão por motivos d'um peso consideravel. A razão geral que os apologistas da liberdade do commercio dão da necessidade de abolir as alfandegas será ella uma daquellas rasões sem replica que matam todos os escrúpulos e concentram todas as opiniões?

Esta rasão geral, a unica que do ponto de vista inteiramente exterior, d'onde temos até agora encarado o systema da liberdade do commercio, nos é permittido descobrir, eil-a tal qual a expõem os partidarios mais comedidos do systema: é que emquanto que uma liberdade não está entregue a todo o seu poder natural de expansão, em quanto que algum obstaculo lhe embaraça a passagem, lhe limita o exercicio e o desenvolvimento, toda a revolução que tiver por fim o desviar esse obstaculo é um beneficio para a humanidade. Pois bem! se é preciso dizel-o, esta rasão é-nos extremamente suspeita. E' com effeito

uma terceira e última feição de semelhança verdadeiramente fatal do systema da liberdade de commercio com todas as pessimas doutrinas dos tempos modernos; é que essas doutrinas effectivamente tem o mesmo principio por base, é que ellas tambem tem por fim a liberdade illimitada, e não ha uma só que não tenhamos visto no termo deste caminho desmoronar-se miseravelmente no escandalo e na anarchia.

Espraiemos um olhar á volta de nós, prestemos attenção ás innumeradas revoluções da nossa idade. Não se ouve fallar d'uma á outra extremidade do mundo senão em liberdades que fenecem, que se deshonram ou que morrem. E qual é a causa d'estes lamentaveis desastres? Só ha uma: essas liberdades murcharam ou morreram porque não quizeram reconhecer freio algum ao seu poder, nenhuma regra ao seu exercicio, e nenhum limite ao seu desenvolvimento. Tambem ellas, tomaram esses limites, essas regras e esses freios por obstaculos que eram chamadas a vencerem: venceram-n'os e no mesmo instante perderam-se. Olhai para a religião: chegou um dia em que a liberdade disciplinada das consciencias e dos cultos não bastou. Vieram innovadores, que fizeram tremular na escola e na igreja a bandeira da liberdade sem limites; no mesmo instante, o espirito philosophico rompendo os seus diques, todo o governo das almas se tornou impossivel, e a liberdade das crenças se abismou n'um mar de duvida, de impiedade ou de indifferença. A ordem civil, invadida pelo mesmo furor, foi manchada com os mesmos excessos. Reinava a liberdade civil: todos os cidadãos eram eguaes perante a lei. Vie-

ram sophistas e disseram: Isto não é senão uma egualdade coarctada, a egualdade absoluta, sem limites é do que carecemos! Então uma alluvião de estrayagancias, como nunca se vira, inundou a sociedade. A desigualdade natural dos talentos e das virtudes foi negada, a propriedade posta em discussão e em duvida, o espirito humano aviltado, e a civilisação, minada pela inveja, esteve ameaçada d'ir a pique no lôdo e no sangue. A ordem politica, tambem essa, soffreu a experiencia d'essa soberba theoria da liberdade illimitada. Existia uma oligarchia em que os direitos politicos, accessiveis em principio á universalidade dos cidadãos, não o eram comtudo de facto senão á minoria: esse regimen tinha os seus defeitos, e qual é o que os não tem? mas tinha uma vantagem: era livre n'elle a discussão dos negocios publicos. Apareceram os doutrinantes do direito absoluto de dizer e fazer tudo. Uma noite, a oligarchia que elles combatiam com toda a força desmoronou-se; foi substituida por uma democracia, em que se patenteou á vontade o novo systema: liberdade illimitada de imprensa, liberdade illimitada de petição, liberdade illimitada de eligibilidade e de voto. Discutiou-se isto miseravelmente quatro annos no borbulhar da mais miseravel anarchia; depois, acabou isto, como acabam todas as anarchias, pela dictadura! Tal é o resultado da liberdade illimitada na ordem religiosa, civil e politica.

Parece que os partidarios da liberdade do commercio, prevenidos por tantos signaes funebres, deveriam hesitar antes de applicarem ao commercio uma doutrina que havia sido em tudo tão infeliz. Mas

ficaram surdos á voz do destino ou desprezam-no. Liberdade illimitada de communicações, e de trocas! exclamaram elles tambem. Todo o limite ao commercio dos povos é um obstaculo á civilisação; toda a barreira ás suas communicações, é uma calamidade para o genero humano; todo o freio ás suas relações mercantís, é uma cadeia de escravo; e a economia politica resoou com as mesmas predicas que alternativamente inflammaram e transtornaram a religião, a sociedade e o estado.

Comtudo para simples observadores como nós, que, não sendo visitados nem defendidos pela graça do espirito de systema, conservamos, em vez d'isso, a nossa imaginação fria e socegada, na verdade não teremos motivo de nos admirarmos e inquietarmos com essa identidade singular do character geral do systema da liberdade do commercio com o das mais tristes theorias de nossos dias? Despreso pela observação da natureza, desdem pela auctoridade do genio e da experiencia, busca de uma liberdade absoluta que em toda a parte em que se experimentou foi funesta á verdadeira liberdade; nada falta aos apologistas da liberdade do commercio para se assemelharem, pelo menos nas apparencias, aos mais chimericos revolucionarios de nossos dias. Para aqui a semelhança e desdiz o essencial, o desfavoravel aspecto das apparencias? é o que é tempo de examinar.





## CAPITULO II.

### ESPIRITO DA INSTITUIÇÃO DAS ALFANDEGAS.

O maior desenvolvimento possível da liberdade commercial dos povos, tal é o fim do systema da liberdade do commercio; a abolição das alfandegas, consideradas como o maior obstaculo existente ao exercicio dessa liberdade, tal é o caminho por que se dirigem ao seu fim. Comecemos por examinar se esse meio é appropriado a esse fim. Este é effectivamente o nó do systema, por que é evidente que se as alfandegas, como dizem os partidarios da liberdade do commercio, opprimem a liberdade de transações, o resto das suas maximas segue-se daqui naturalmente. Para verificar comtudo a solidez destes primeiros principios da doutrina da liberdade do commercio, é preciso explicar igualmente as condições de existencia da liberdade do commercio e o espirito da instituição das alfandegas; com effeito só com pleno



conhecimento da natureza d'umas e do sentido da outra é que é possível decidir com certeza se ha harmonia ou desacordo entre si. Os apologistas da liberdade do commercio affirmam que ha desacordo, e é este o ponto de partida assim como a pedra angular da sua doutrina; mas ninguem é obrigado a crer nas palavras de innovadores, e as tradições que desprezam tambem tem direito a serem tidas em consideração. Existem as alfandegas, o seu uzo está espalhado hoje por toda a superficie do mundo civilisado; a sua existencia tem sem duvida uma razão a cuja origem só a temeridade pode recusar se a remontar. Apon-tando-as desde as primeiras palavras da sua theoria como um obstaculo á liberdade do commercio, os livres-permutadores impõem a todos os espiritos meditadores o dever de indagar, antes de avançarem mais um passo, se o principio essencial do systema que lhes propõem é fundado. E' por onde, depois de ter no capitulo que precede, reconhecido os caracteres exteriores do systema da liberdade do commercio, vamos, n'este, tratar do exame dos seus principios.

A liberdade do commercio, em qualquer mercado que seja, depende d'uma condição muito simples e definida muito claramente, é que esse mercado se entregue á concorrência. A concorrência ou a lucta resultante da presença simultanea, no mesmo lugar de venda, de muitos vendedores rivaes da mesma especie de productos, tal é a alma da liberdade commercial. E' facil de o comprehender. Toda a transacção commercial collocando em face um comprador e um vendedor, a liberdade d'esta transacção não seria perfeita, se a ven-



da e a compra não fossem igualmente livres ; mas, sem a concorrência , primeiramente a venda não é livre, visto que não teem todos a faculdade de tomar parte n'ella, e a compra não o é também, visto que o comprador não pode do mesmo modo escolher nem entre as diferentes mercadorias, nem entre as pretensões de muitos vendedores. Direito commum de vender e rivalidade na venda, dito por outro modo n'uma só palavra, concorrência, tal é pois com rasão a theoria universalmente aceite das leis da liberdade do commercio.

Em materia de commercio interior, isto é, da commercio exercido entre particulares na circumscripção das fronteiras d'uma mesma nação, nunca se pode duvidar da verdade desta theoria, por que os factos o confirmam a cada passo. No mais pequeno mercado de aldea como na praça commercial da mais rica cidade, a oppressão e franquia do commercio são igualmente reconhecidas na ausência ou na presença da concorrência. Ha ou pode haver nesta ou naquella praça muitos vendedores rivaes da mesma especie de productos, o commercio d'esta praça é livre ou pode sel-o. Não ha ou pode não haver nessa praça senão um vendedor d'uma ou de muitas especies de objectos, o commercio dessa praça no todo ou em parte pode ser ou é opprimido. A experiencia mais commum falla constantemente aqui, no interior de todos os estados do mundo, a mesma linguagem que a rasão.

Será differentemente enquanto ao commercio exterior, e o principio do systema da liberdade das trocas será outro de nação para nação do que o de particulares para particulares? Por pouco que se reflecta n'isto, vê-se que é necessaria-

mente o mesmo. As nações, com effeito, no mercado geral do universo, representam exactamente, em face umas das outras, o papel que os particulares representam entre si no mercado interior d'um só Estado. A propriedade, a exploração e a fruição do solo do globo, e o commercio das suas produções acham-se divididos entre os povos, como a propriedade e o commercio d'um territorio o estão entre os habitantes d'um mesmo paiz. Não difere senão na importancia dos proprietarios e na riqueza das trocas, mas na realidade a natureza das relações é identica, e é impossivel então que as leis que resultam d'ella e que as regulam não o sejam. Suppondo que, n'essa praça commum do mundo onde vão todas as nações para trocarem os diversos excedentes de seus productos indigenas, um só povo é senhor de vender aos outros todo ou parte do supplemento de objectos naturaes ou manufacturados que estes não possuem; ou porque esse povo privilegiado encontre exclusivamente esses objectos ou a possibilidade de os fabricar no seu territorio nacional, ou por que monopolise ao mesmo tempo os meios de transportes, a armazenagem e a venda d'esses objectos, que acontecerá? Os povos apparentemente teem as mesmas paixões que os individuos, a unica differença, como dizia Platão, é que o que se lê em caracteres pequenos na alma d'estes lê-se em grandes na alma dos outros. Pois bem! o movel dos povos como dos particulares, quando se entregam ao commercio, é tirar d'elle o maior lucro possivel. Debaixo do impulso deste inevitavel movel que fará esse povo que nós imaginamos unico possuidor, no lugar do mercado do mundo, de objectos indispensaveis á sub-

sistencia ou á conservação do resto do globo? Não cederá as suas mercadorias senão pelo preço que lhe fixar, e todos os outros povos serão escravos desta pretensão. Sejam os principaes productos da agricultura ou da industria que se acham assim nas mãos d'um só povo: a sujeição commercial do universo é certa. Haja a concorrência pelo contrario, possa cada povo abastecer-se junto de vendedores rivaes dos objectos que lhe são necessarios: no mesmo instante o commercio das nações é livre: livre na venda, visto que muitos tem a faculdade de tomar parte nella, livre na compra, visto que nenhuma depende da tyrannia de um só vendedor.

Este raciocinio por si mesmo salta aos olhos; mas ha um meio efficaz de pôr as suas conclusões fora de duvida, é o consultar sobre este objecto uma testemunha incorruptivel, cuja fé nunca se alterou pelo espirito de systema, nem o seu juizo se deixou levar pela logica: é a historia.

A historia conservou a lembrança de toda a vida commercial do universo; acompanhou o commercio em todas as localidades onde, desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias, elle collocou os seus arraiaes. Interrogai-a; perguntai-lhe a que signal em todo o tempo, em todo o lugar, ella o viu opprimido ou livre, responder-vos-ha com o bom-senso: Na presença ou na ausencia da concorrência.

Ha uma palavra que, de per si só, é como um monumento da unanimidade e da constancia deste parecer do genero humano, é a palavra que designa o regimen opposto ao da concorrência, o regimen da escravidão commercial, o monopolio.

Ha mais de dois mil annos que os gregos, esses admiraveis linguistas, a inventaram. Já desde o tempo em que o seu archipelago era, com essa immensa orla de terreno comprehendida entre o Mediterraneo e o Libano, o theatro da civilisação, o monopolio, isto é, a unidade do vendedor, era, na linguagem mais geralmente fallada, o nome e designação d'um commercio sujeito. Os Romanos conservaram a palavra; depois passou sensivelmente a mesma para todas as linguas modernas, e hoje, nos pontos mais distantes do globo, das praias do Mississipi ás margens do Sena, do Tami a ao Danubio e do Adige ao Ebro, serve para recordar a tantos povos diversos, que egualmente a adoptaram, que não ha liberdade de commercio entre nações, assim como a não ha entre particulares, no lugar em que um só vendedor occupa sem rival o mercado. Mas os annaes das nações prestam um testemunho muito mais explicito ainda do que as suas linguas. Sem remontar a Tyro nem a Corintho, lançai sómente os olhos á historia do commercio desde o renascimento da civilisação na Europa até os nossos dias; essa historia diz: em quanto que o monopolio reina a favor d'uma nação, o commercio de todas as outras jaz na inercia e na oppressão; logo que a concurrencia se estabelece entre os povos, o mundo commercial no mesmo instante é libertado. A memoria de cada um lhes recorda em tropel as provas do que disse. Desde o seculo VIII<sup>o</sup> até á ultima metade do XVII<sup>o</sup>, o Occidente, theatro então do grande commercio, como outr'ora o fôra o Oriente, é alternativamente explorado pelo monopolio das republicas italianas, das cidades Anseaticas, dos Fla-

mengos e dos Hollandezes. Comtudo em que se torna a liberdade commercial? Fica nulla. Amalfi, Pisa, Gênés, Florença, e Veneza, n'um primeiro periodo, n'um segundo, Lubeck, Bruges, Anvers e Louvain, n'um terceiro, Amsterdam, finalmente, n'um ultimo, são os depositos exclusivos do mundo: todas as demais nações são obrigadas a fornecerem-se alli; a venda sendo sem concorrência, a compra é, como ella, violentada, e xtinguem-se todas as liberdades, uma ou duas cidades da Europa adquirem uma prosperidade immensa, o resto fenece na escravidão e na miseria. Mas a concorrência, começa a estabelecer se no mundo, pelo meado do seculo XVII<sup>o</sup>, com a ruina da Hollanda, e a lucta commercial da França e da Inglaterra; no mesmo instante nasce a liberdade; quanto mais vamos indo, mais se estende a concorrência, mais tambem cresce a liberdade, e hoje, finalmente, que um maior numero de povos que em nenhuma outra época da historia rivalisa no mercado do globo, vê-se tambem que a liberdade commercial é mais completa do que nunca o foi: demonstração de facto tão palpavel, que concluiremos d'ella, sem insistir mais, que as relações commerciaes das nações, como as dos particulares, não são livres senão com a condição de se basearem no principio da concorrência.

A concorrência, comtudo, não se estabelece de per si só entre as nações. O que nós acabamos, a traços largos, de recordar da historia do seu commercio, basta para o provar. Se levou tanto tempo a destronar o monopolio na Europa, isso procede evidentemente de que, para se constituir, tem necessidade de certas condições parti-

culares de existencia. E' destas condições agora que nos vamos occupar para chegarmos finalmente a uma ideia perfeita da liberdade do commercio.

A palavra concurrencia desperta no espirito uma duplicada ideia : é primeiramente a ideia d'uma lucta resultante da opposição e do encontro de duas forças ; é depois a ideia do accordo d'essas duas forças ainda que contrariando-se no seu movimento, mas concorrendo ambas para o mesmo fim. Assim, a concurrencia de diversos vendedores n'um mesmo mercado tem por fundamento a lucta das suas pretensões, mas essa lucta tem por fim a liberdade de todas as operações d'esse mercado. Esses elementos constitutivos da concurrencia são sensiveis ; mas ha uma condição no seu manejo cuja indispensavel necessidade não o é menos. Essa condição, é que as duas forças postas assim em opposição pela concurrencia serão capazes de supportar o choque do encontro, e por isso serão eguaes. Se uma, effectivamente, é maior do que a outra, a primeira evidentemente vencerá a segunda e a annulará, e a utilidade da concurrencia ficará perdida, visto que tem por objecto não só o chocar duas forças uma contra a outra, o que não é senão um meio, mas, chocando-as, corrigir mutuamente a sua força, e a sua direcção o que é o fim. Apparece aqui essa grande lei da balança ou do equilibrio que rege toda a natureza, tanto o mundo moral como o phisico, e sem a observancia da qual não ha mais ordem n'este do que liberdade n'aquelle. O commercio dos povos, como todas as outras manifestações da actividade humana, não é livre senão com a condição de respeitar, também elle, esta lei.

Se as forças que emprega não formam entre si um justo systema de contra-peso, então a sua liberdade que, como a liberdade religiosa, a liberdade politica, etc., não se sustenta senão pelo equilibrio, é destruida. Ora, quaes são aqui as forças contrarias? São nações. A concurrencia dessas nações, alma da liberdade do seu commercio, não poderia estabelecer-se nem durar se o seu poder commercial não se equilibrasse respectivamente. Mas este é um caso que não poderia realisar-se tambem senão n'uma destas duas hypotheses: ou que as forças commerciaes reciprocas das nações sejam naturalmente eguaes ou que sejam artificialmente equaladas; porque é claro que se no mercado do mundo a riqueza dos differentes povos, que é neste cazo o segredo da sua força, é desproporcionada de modo que a concurrencia não possa sustentar-se, a liberdade, depois d'alguns clarões, se apagará para dar lugar ao monopolio e á escravidão. O equilibrio do poder economico dos povos, tal é pois em ultima analyse a condição do estabelecimento e conservação da liberdade do seu commercio, pois que é d'este equilibrio que depende, com a possibilidade d'uma lueta de forças deseguaes, uma concurrencia sem a qual a historia e a razão demonstram que todo o commercio é violentado.

Examinemos agora a natureza da instituição das alfandegas; poderemos depois facilmente, com a luz do que precede, decidir, se, como o affirmam os apologistas da liberdade do commercio, o seu espirito é contrario ás necessidades da liberdade.

Não ha nada mais conhecido do que o objecto das alfandegas: é uma instituição que tem por fim o proteger a agricultura, a industria, o

commercio, e, quando é necessario, a marinha das nações que se acham a todos esses respeito, a muitos ou a um só d'entre elles, n'uma inferioridade natural ou accidental em relação ás outras. A razão da existencia d'esta producção se descobre e se justifica de per si só. Se a Providencia tornasse a riqueza e a actividade de todos os povos eguaes ou equivalentes, a liberdade do commercio do mundo seria um facto da natureza, e não seria preciso nenhuma instituição da mão do homem para a estabelecer. Mas é claro que isto não é assim: basta lançar os olhos a um mappa-mundi e á historia para verificar a flagrante e permanente desigualdade das nações. Uma possui em abundancia os mais ricos productos do globo, outra quasi que tem falta do necessario. Uma produz um desses objectos de primeira necessidade, como os cereaes e o ferro, de que tira uma immensa vantagem natural de troca sobre outra, que produz sómente objectos de luxo ou de menor necessidade, como por exemplo as rendas ou a seda. A posição d'um Estado ou outro ponto do universo é tambem uma causa da desigualdade: assim temos uma nação cujo territorio é admiravelmente rico, mas está sem communicações faciles com o resto do genero humano; uma outra nação menos rica, mas cujo territorio esteja mais bem situado, lhe tomará logo a dianteira. Accrescenta a diversidade do genio dos povos: um nasceu industrial e commerciante; outro prima na cortezania, na elegancia, e nas armas. E' inevitavel que resulta d'aqui com o correr do tempo no capital, isto é, na somma dos recursos adquiridos de todo o genero dos dous povos, uma

diferença enorme, tão temível para o segundo como vantajosa para o primeiro. Finalmente, porque esta materia seria inesgotavel, a importancia comparada da riqueza dos povos varia continuamente com o tempo. A lã e as madeiras foram durante seculos objectos de troca d'uma importancia sem rival; são hoje vencidos pelo algodão e pelo carvão de pedra, e talvez que um dia o carvão e o algodão venham a perder a sua primazia. Suppondo effectivamente a descoberta d'alguma nova planta fiavel ou a applicação d'algum principio novo, por exemplo a electricidade, a producção da luz, do movimento ou do calor, seguir-se-ha uma revolução incalculavel no estado do balanço industrial do mundo. Numa palavra, a desigualdade das nações tem mil causas que obram a todos os momentos, que a conservaram sempre e que sempre a conservarão. De tal sorte que nunca houve época, e não imaginem que a possa haver nunca, em que ora uma nação, ora outra, não seja commercialmente a mais forte do universo. As alfandegas tem assim a rasão da sua existencia na mesma natureza das coisas: prevenção excellente a favor da sua instituição, porque todo o estabelecimento d'uma nação que assenta em semelhantes bases testemunha por este unico meio que é a obra da necessidade e não do capricho.

Mas que medidas empregam as alfandegas para chegarem ao seu fim? Por que meio se acham as nações fracas, por este systema, protegidas contra a inevitavel supremacia da nação forte? Por meio de pautas. A nação fraca tributa á entrada do seu territorio os productos similares estrangeiros de industria que, sendo no seu solo menos na-

Natural ou menos antiga, é por isso menos prospera. O estabelecimento desta portagem ou deste imposto tem em si alguma coisa que a moral ou a razão reprovem? De certo que não. O direito natural de cada povo, com effeito, é explorar o melhor que possa o seu territorio, e tirar d'elle o maior partido possível, tanto do clima que habita como do genio de exploração que lhe coube em sorte. Mas se a supremacia d'um de seus vizinhos o impede de exercer um direito tão favoravel, definitivamente, para o augmento do bem-estar universal, como é que a adopção d'uma medida fiscal que não tem por fim senão pol-o em estado de tomar o seu lugar ao sol da industria e do commercio poderia ser julgada desarrasoada ou iniqua? Pelo contrario, não ha senão justiça quando se trata de povos ainda mais do que se fossem particulares, por que então as consequencias da oppressão são maiores, em proteger o fraco contra o forte, e a presença desta protecção, longe de ser um mal que o genero humano deva repellir, é pelo contrario um beneficio que a sua prudencia deve desejar: effectivamente esses impostos que o povo forte paga ao fraco sustentam em proveito do mundo inteiro a existencia industrial deste que d'outro modo desfalleceria.

Assim o espirito das alfandegas é justificado pelo interesse do mundo como a sua fundação o é pela natureza das coisas.

Cheguemos pois, finalmente, agora que os dois termos da questão já estão plenamente conhecidos, a julgar, objecto supremo a que aspiramos, se uma tal instituição, como dizem os apologistas da liberdade do commercio, para justificação da

sua doutrina, é um obstaculo á liberdade do commercio.

A questão, na verdade, nos termos a que a reduzimos, está de tal modo decidida pelo mesmo facto, que nos admiramos que homens recommendaveis pelo seu talento e pelos seus conhecimentos podessem só pensar em alevantal-a.

As alfandegas um obstaculo á liberdade do commercio? — Mas são as unicas garantias d'elle! Qual é, com effeito a alma d'essa liberdade? já o vimos: a concorrência. E qual é a condição da concorrência? O bom senso nol-o demonstrou: a egualdade ou a equivalencia de forças dos rivaes que n'ella estão empenhados, o equilibrio dos adversarios, particulares ou povos, pouco importa, contra os quaes se estabelece. Mas as nações entre as quaes se faz o commercio do mundo são eguaes? Nada ha que seja mais evidente, pelo contrario, nem mais constante do que a sua desigualdade. E qual é o objecto das alfandegas? Egualar artificialmente, por meio de tarifas differenciaes, as forças commerciaes naturalmente desiguaes de umas e d'outras, isto é, crear entre ellas um systema de equilibrio que lhes permita o sustentar a concorrência: não é esta a propria theoria das condições da liberdade? Que fazem quando apontam as alfandegas como obstaculos á liberdade commercial? Tomam, repito, por um systema de obstaculos e de embaraços o que não é senão uma organização protectora de diques e de garantias.

Alem d'isso a historia a que, nós que não fazemos systemas, não tememos recorrer, a historia prova-o. Durante toda a antiguidade e durante toda a idade media e a *renascença*, desde Car-

los-Magno até Luiz XIV<sup>o</sup>, o uzo das alfandegas como instrumento da industria dos povos era desprezado. Que acontecia? O monopolio era o regimen constante do commercio do mundo. Abandonado sem defenza aos riscos das revoluções, o commercio era sempre a preza da nação mais favorecida, mais adiantada ou mais industriosa; a concorrência era impossivel e o universo opprimido. A historia do commercio, durante esses seculos de escravidão, só se compõe da narração das mudanças de capital do monopolio. Os seus annaes não registram senão os nomes de algumas cidades que alternativamente se enriqueceram com os despojos e tributos do universo: a opulencia de Tyro, de Orchomène, de Rhodes, de Corintho, de Carthago, de Marselha, de Alexandria, eis aqui, em contraste com a oppressão e com a miseria do resto do globo, toda a historia do commercio dos antigos. Na idade media e até o meado do seculo XVII<sup>o</sup>, houve sempre a mesma ignorancia dos beneficios da protecção, e as mesmas consequencias para a liberdade. E' verdade que o monopolio mudava de lugar: das praias do Adriatico e do Arno transporta-se para as embocaduras do Weser e do Elba; estabeleceu-se depois no Scalda, depois no mar de Haarlem e de Zuyderzée; mas, quaesquer que sejam as margens em que se detem, não arruína menos o Occidente, como antigamente arruinára o Oriente. Finalmente, um dia, no meado do seculo XVII<sup>o</sup> sobre as ruinas do poder hollandez, destruido pela sua politica e pelas suas armas, duas nações grandes, a Inglaterra e a França, lembram-se quasi ao mesmo tempo de proteger por meio de pautas as suas industrias insipientes, umas os seus gado e lãs,

a outra os seus pannos, as suas rendas, os seus espelhos, etc., e de preparar assim nos seus territorios os elementos d'uma concurrencia futura às industrias similares dos estrangeiros. O ensaio desta duplicada tentativa sobre o equilibrio, e por consequencia sobre a liberdade industrial, commercial e maritima do mundo, foi quasi instantaneo. O exemplo clamava; foi seguido. As outras nações, desde então até os nossos dias, corrigindo assim por meio de pautas a desigualdade natural ou accidental do seu poder commercial, entraram successivamente no caminho do systema protector. Temos os resultados desta grande revolução diante dos olhos, podemos comparar o estado commercial do mundo tal como as alfandegas o constituiram com o que era antes da sua adopção pelos diferentes povos da idade media e da antiguidade. Que differença para o equilibrio, a liberdade, a concurrencia, e finalmente a prosperidade do universo! Não se via, antes das alfandegas, mais que um só pavilhão sobre os mares; essa marinha unida, ou fosse a dos italianos, dos Anseaticos ou dos Hollandezes, occupava o Oceano e extorquia os transportes. Transportadores do globo, *portitores terrarum*, esses reis dos mares sem rivaes opprimiam a sua liberdade. Mas vem as pautas proteger a navegação dos diferentes povos: quatro marinhas da primeira ordem, as de Inglaterra, de França, da America, e da Russia, nascem dessas pautas e conquistam finalmente a liberdade dos mares. O mesmo aconteceu com a agricultura e com a industria. Um só povo, que digo eu? uma só cidade monopolizando outr'ora a repartição das riquezas da agricultura e da in-

dustria, uma e outra desfaleciam, e a raridade de seus productos sustentava a carestia: apparecem as alfandegas, o monopolió é destruido; a concorrência faz erguer fabricas sem numero; a agricultura, excitada, sustentada e enriquecida pela industria, faz progressos desconhecidos; o equilibrio restabelecido, o commercio é libertado, augmenta a prosperidade e o bem-estar diffunde-se pelos povos.

Tal é o espirito das alfandegas, tal é o papel que tem representado, e que representam ainda no mundo. E eis-aqui a instituição que riscam com um traço de penna, cuja abolição pedem para lhe substituir um systema concebido n'um sentido inteiramente opposto! Mas não ha aqui, exceptuando os merecimentos a demonstrar d'esse novo systema, assumpto para prevenir d'um modo singular o bom senso contra a adopção das suas maximas?

Leibnitz diz algures: « Achei, depois de longas indagações, que ordinariamente as opiniões mais antigas e mais accites são as melhores, comtanto que se interpretem com equidade. » Quasi que não ha instituição estabelecida desde ha muito em varios povos illustrados que a prudencia mais vulgar não ordene que se julgue com essa equidade de interpretação que ordena Leibnitz. As alfandegas de certo, só por esse titulo, deveriam ter merecido ao menos o exame dos partidários da liberdade do commercio. Antes de as condemnarem e de fallarem em coastruir um novo regimen commercial sobre as suas ruinas, deveriam remontar á sua origem, entrar no espirito da sua criação, observar a sua influencia, e pesar os seus resultados. Teriam deste modo evitado a

princípio uma censura de leviandade e de irreflexão que é impossivel deixar de lançar-lhes em rosto e que faz desconfiar da solidez do resto das suas máximas; mas depois, e o que é mais consideravel ainda, acautelarem-se hiam de dar como ponto de partida da sua doutrina uma proposição essencialmente falsa.

Esta proposição, effectivamente, como devemos lembrar-nos, é que as alfandegas sendo o maior obstaculo conhecido á liberdade do commercio, a sua abolição é o meio mais efficaz de estabelecer e de desenvolver essa liberdade. Se pelo contrario ha uma coisa evidente, depois do que se acaba de ler, é que a instituição das alfandegas tendo tido por effeito, effeito explicado pela natureza das coisas e verificado por toda a historia, crear, com o equilibrio industrial das nações, a possibilidade da sua concorrência e por este meio a sua liberdade commercial, a abolição d'essas mesmas alfandegas teria tambem por consequencia, inteiramente em opposição ao que esperavam os partidarios da liberdade do commercio, o destruir, com a igualação das forças dos povos, toda a lucta de producção e de troca entre elles, reconstituir o monopolio e mergulhar de novo o mundo na escravidão. Ou já não existe nem bom senso, nem historia, nem logica, ou isto, desde o ponto em que estamos, está demonstrado. Mas a conclusão que d'aqui resulta contra a liberdade do commercio é mui grave, é que ella não tem rasão de ser, porque o motivo que ella invoca para esse fim é falso, de tal modo falso que a analyse e a observação revelam que é preciso tomar exactamente o avesso da maxima qu'elle enuncia, para se

estar na natureza e na verdade. Confirmação ao menos desagradavel, desde o primeiro passo que damos no interior d'esta doutrina, do character de chimera que as suas exterioridades nos tinham revelado; a chimera effectivamente, aqui, de provavel tornou-se em flagrante, e n'um ponto bem essencial, pois que é d'elle que parte o resto da doutrina, nossas simples presumpções mudaram-se em certeza.

Mas, por mais seguros que estejamos da legitimidade d'esta conclusão, ha uma prova, antes de passarmos alem e de penetrarmos mais no systema da liberdade do commercio, que lealmente lhe é devida. Acabamos de demonstrar que o seu ponto de partida é falso, visto que pretende alcançar a liberdade do commercio dos povos por meio da abolição das alfandegas, e que é claro como o dia que, sem as alfandegas, essa liberdade nunca teria existido e não é capaz de se sustentar. Comtudo os apologistas da liberdade do commercio podem ter raciocinios que produzam a favor da sua these, e, sejam quaes forem, é bom, para não deixarmos nenhuma obscuridade sobre isto, ouvil-os e discutil-os. Vamos consagrar um capitulo a expor e a avaliar esses raciocinios. Nada ha melhor do que ter em tudo cada um a consciencia tranquilla.

### CAPITULO III.

#### CRITICAS DA INSTITUIÇÃO DAS ALFANDEGAS;

##### SUA INUTILIDADE.

De ordinario os innovadores, cuja imaginação faz todo o genio, não se demoram a estabelecer nem por meio de raciocinios nem por meio de factos o valor exacto das suas doutrinas. Expoem-nas, é o bastante: se cahissem do céu não teriam, a seu ver, uma mais incontestavel certeza. Mas em compensação, se são tão discretos quando se trata da justificação das suas ideias, ha uma materia em que são inesgotaveis, é a dos defeitos das instituições que pretendem destruir com essas ideias. A principio este modo de proceder não é senão o effeito da paixão. Todos entregues aos sonhos da sua fantasia, é natural que os fazedores de systemas se embriaguem e se encantem com elles: se dogmatisam então, é por que elles mesmos tomam com ingenuidade as invenções do seu espirito por dogmas. Mas o que a principio não é mais que uma illusão torna se bem depressa n'uma

tactica. Os innovadores, coagidos a dar conta dos fundamentos da sua theoria e não o podendo fazer sem descobrirem a fraqueza d'elles, entrincheiram-se, a este respeito, n'um silencio magnifico; e não tarda que lhes pareça um sacrilegio o não partilhar a fé supersticiosa que tem em suas ideias. Ao mesmo tempo e para desviar a attenção, fulminam ainda mais se lhes é possível as tradições de que se separam. Comtudo o vulgo, a quem na sua ignorancia da realidade das coisas as palavras deslumbram sempre, aos olhos de quem o que existe tem o defeito para sempre indesculpavel, de existir, quando se lhe falla em substituir os abusos por maravilhas, está inclinado a admittir e a acreditar tudo; o vulgo pois deixa se facilmente levar pelo ar de patriarcha e de propheta que tomam com elle, a doutrina propaga-se gradualmente, as pessoas sensatas a quem faz sorrir não fazem caso, o tempo corre, os sectarios augmentam, e eis ahi como as melhores instituições são minadas e como as ideias mais perniciosas se ensinam.

N'essas dez linhas acabamos de ler a historia do systema da liberdade do commercio. Perguntai aos apologistas da liberdade do commercio uma razão directa, uma unica do seu systema. A unica resposta que obtereis será o silencio e o seu desdem. Quem é esse questionador importuno, esse espirito fossil tão pouco ao facto das praticas do nosso tempo para pedir a doutrinantes as provas em apoio da sua doutrina? O silencio, será a unica resposta que obterá. Viu-se no capitulo precedente a profunda politica d'este silencio. E' claro que se fallassem, tudo se desmoronaria, pois

que o principio essencial do systema é exactamente, por desgraça, uma razão essencial de o rejeitar. Que melhor do que calar-se? Mas, como era preciso occupar os espiritos, como era preciso cobrir o que um dogmatismo tão inaudito não tardaria muito a ter de revoltante, lançaram-se sobre os defeitos, vícios, que sei eu? sobre os abusos monstruosos da instituição que queriam destruir: d'aqui nasceu a critica das alfandegas, a litteratura mais prolixo e menos legivel que tem apparecido n'este mundo.

Não nos demoraremos muito a demonstrar o que esta tactica dos fazedores de systemas, adoptada aqui pelos apologistas da liberdade do commercio, mudos quando se trata de se justificarem, falladores alem dos maiores exemplos conhecidos de diffusão quando se trata de atacar, tem de equivoca e de fraca. O espirito de innovação é sem duvida um espirito fecundo. O progresso é a lei do mundo, e, como dizia com razão esse imperador a quem a philosophia acompanhou ao throno, « não devemos receber as opiniões de nossos pais, como creanças, pela simples razão de terem vindo de nossos pais. » Mas quando reformamos não é primeiramente e sobre tudo da legitimidade da innovação que se propoem que devemos estar preoccupados do que dos defeitos do estado das coisas estabelecido que pretendemos destruir? E' pelo menos, ás avessas dos innovadores vulgares, o proceder dos innovadores de talento. Olhai para Descartes, olhai para Cuvier: um apprehende substituir o estudo das obras de Aristoteles, apesar de boas, por o d'um livro melhor ainda e que esse grande homem tinha continuamente diante dos

olhos o livro da alma humana; o outro ás imaginações brilhantes dos Buffon e dos Leibnitz, propõe substituir a observação da natureza. Como se havem um e outro para estabelecerem a superioridade de seu projecto sobre o espirito da tradição? Occupam-se em criticar essa tradição? Não, todas as suas forças empregam-se em demonstrar directamente pelo raciocínio e pelos factos a solidez de suas maximas; deixam depois á posteridade o decidir entre essas maximas novas e as crenças antigas. Eis-aqui o signal do verdadeiro talento: um grande bom-senso circumspecto e paciente. Os homens de systemas pelo contrario que fazem? É preciso confessal-o, o que fazem os apologistas da liberdade do commercio; affirmam, decidem, e prophetisam: é a irreflexão coberta com a máscara da gravidade. Não procuram o seu ponto de apoio na solidez da sua doutrina, mas nos defeitos da ordem estabelecida que pretendem destruir; como se porque essa ordem estabelecida tem defeitos, se seguisse naturalmente que o seu systema nada tinha que se lhe dissesse! Alem d'isso que provam criticas, quando mesmo são fundadas? Que a instituição a que se dirigem não é perfeita? Que milagre, sendo essa instituição obra humana! Demonstram ou propoem-se a demonstrar que as alfandegas não são um systema exempto de abusos nem de defeitos. Quando isto assim fosse, seguir-se-hia logo que era preciso abolil-as? Decerto, talvez aos olhos d'um homem cego pelos prejuizos da escola; mas, aos olhos d'um homem de bom senso, prova sómente que é preciso melhoral-as. Se fossemos a destruir tudo o que é causa ou pretexto d'abuso na terra, a propria re-

ligião não ficaria de pé. De mais, que devemos concluir das imperfeições das alfandegas a favor do systema qualquer que seja que lhe querem substituir? Quando mesmo tivessem demonstrado que o systema protector é vicioso, que boa rasão, eu o repito, para concluir d'ahi que o systema da liberdade do commercio é uma maravilha! O que seria preciso demonstrar, não é que as alfandegas são uma instituição má, é que o systema da liberdade do commercio é uma doutrina fundada na experiencia e na razão. Mas é o que não fazem. E porque? Já o vimos, é porque não é possível; é porque, antes pelo contrario, o systema da liberdade do commercio basea-se n'uma hypothese que não resiste ao mais simples exame.

Examinemos contudo esses defeitos, esses vícios, esses abusos das alfandegas com que os apologistas da liberdade do commercio fazem tanta bulha. Posto que nada possam concluir delles a favor da sua theoria, examinemos as suas censuras. Teem ellas nestes ultimos sessenta annos, enchido bastantes volumes; quantos escriptores as revolveram e fortificaram de todos os modos! Será bom, para a edificação geral, ver finalmente o que valem.

Pode-se classificar em trez ordens distinctas as censuras dirigidas pelos apologistas da liberdade do commercio á instituição das alfandegas. Accusam-na de ser contraria, 1.º a liberdade; 2.º á prosperidade dos Estados; 3.º finalmente á civilisação. Estas accusações, só pelo seu enunciado geral, parecerão sem duvida singulares depois do que se tem lido. Se ha uma coisa que nos estabelecemos effectivamente e estabelecemos se-

gundo os testemunhos irrefutaveis da natureza e da historia, é que, sem alfandegas, não ha liberdade para o commercio do mundo, sem alfandegas não ha prosperidade para os Estados que o compoem, sem alfandegas finalmente não ha civilisação. Mas a singularidade dessas censuras não é nada ao pé da fraqueza das rasões que invocam. Basta quasi que expol-as para que caheam por terra.

As alfandegas, dizem elles, violam manifestamente as formas mais essenciaes do exercicio da liberdade. A liberdade da industria e do trabalho, liberdade civil, liberdade de domicilio, liberdade individual, mesmo a liberdade politica, tudo perece ou é accommettido por essa instituição. Cada membro da sociedade tem o direito illimitado de se prover das coisas necessarias para a sua alimentação; para a sua conservação ou para o seu trabalho, como entende e onde as acha mais barato; objectos de consummo, materias primas, ferramentas, instrumentos, machinas etc. O mesmo cidadão tem o direito egualmente illimitado de vender os seus productos a este ou áquelle comprador e pelo preço que quizer. Mas estes direitos são destruidos pelas alfandegas. Nenhum productor, graças a ellas, pode vender senão a um certo numero de compradores; e nenhum consumidor pode fornecer-se senão junto d'uma roda de vendedores rigorosamente definida. O homem recebeu de Deus a faculdade natural de vender os productos do seu trabalho ao universo, de se fornecer dos objectos necessarios ás suas necessidades em toda a superficie do globo: esta faculdade morreu, as alfandegas mataram-na. O seu contacto, feneceu a propria liberdade civil. Unidade de

lei e egualdade de direitos, eis a divisa desta liberdade. Que é feito da liberdade de direitos? A egualdade civil não reconhece solidariedade nenhuma de productor para productor. Como consumidor, não sou obrigado a dar em troca d'uma coisa necessaria á satisfação das minhas necessidades ou das da minha familia senão uma quantidade do meu trabalho igual á unica porção que seja aqui legitima e natural, a que é indicada pelo valor corrente das coisas no mercado geral do mundo. Mas as alfandegas investem um productor meu visinho, meu semelhante, meu igual ou que deveria sel-o; do direito de me vender o objecto de que tenho necessidade, mais caro do que vale no mercado geral. A desigualdade não é flagrante? Agora, entre os manufactureiros d'um mesmo paiz, a protecção não é igual. Um manufactor é protegido d'uma maneira exorbitante, e um outro não o é. Onde está a unidade de lei? Accrescentai que o estrangeiro, em represalia, sobrecarregando os artigos do manufactor que não é protegido, este é duas vezes victima e duas vezes vassalo do privilegio e do monopolio constituidos a favor d'um outro. As alfandegas não são senão impostos, ou antes tributos feudaes alevantados em proveito de alguns particulares na massa dos cidadãos. Harmonisar uma tal instituição com a liberdade, é querer harmonisar a crueldade com a civilisação, a feudalidade com o regimen do direito commum. Fallaremos da liberdade do domicilio e da liberdade individual? Em que se tornam ellas n'um systema que alevanta como regulamentos de estado, em simples proveito de algumas pessoas, as vizitas domiciliares e as revistas pessoases? Finalmente a liberdade

politica não é mais que o remate de todas as liberdades do cidadão; mas o seu espirito sem duvida não está de acordo com o d'um regimen que leva a mão aos lares e á propria pessoa do cidadão. A revolução de 1789 no seu immortal arrojô, parecia ter substituido para sempre o regimen da egualdade ao do privilegio; e com effeito, jurandas, mestrados, tribunaes especiaes, tudo o mais cahiu com esse sublime esforço da rasão publica; mas as alfandegas ficaram de pé, provocação insolente a toda a civilisação moderna! e fallam em eternisar esta provocação!

Tal é o resumo d'esta primeira ordem de censuras, e os apologistas da liberdade do commercio não tem sem duvida a queixar-se de lhe termos enfraquecido o espirito ou a ligação. Com toda a certeza, as exterioridades são raras e bonitas; mas vejamos a sua realidade.

As alfandegas, dizem elles, restauram o regimen dos privilegios e constituem as industrias em estado de monopolio. Examinemos separadamente estas duas partes da accusação que lhe intentam.

O que é um privilegio? É uma faculdade concedida a um cidadão de se revindicar só deste ou daquelle direito, de exercer só e com exclusão de todos os outros esta ou aquella profissão. Perguntamos que faculdade desta especie concedem as alfandegas a um particular qualquer com prejuizo de seus cidadãos? Quem, d'entre nós, impede, que amanhã, logo, um individuo que gose dos seus direitos civis, levante fundições, cave minas, fabrique cristaes, fios de algodão, de lã, de lino e de canhamo, etc., e que faça prosperar a

sua industria para maior vantagem do resto do paiz, ao abrigo dos direitos estabelecidos pelo estado a favor dessa industria? Mas se não ha nisto impedimento algum, para que fallais em feudos industriaes? Boa feudalidade a que é accessivel a todos os cidadãos e onde o primeiro que queira pode encontrar no seu trabalho os seus titulos de nobreza!

Fallam depois em monopolio. O monopolio seria com effeito neste caso a consequencia do privilegio; mas, como um não existe, é difficil que o outro não deixe de existir tambem; alem d'isso os factos o demonstram. A concorrência, entre nós e entre o resto da Europa civilisada, de particular para particular, nunca foi tão activa, nem mesmo tão violenta. As consequencias d'ella são sensiveis no progresso da perfeição ou da baixa do preço dos objectos mais essenciaes da industria. Todos sabem, por exemplo, que o preço do ferro em França, com o regimen da protecção, baixou mais de metade, e o dos algodões perto de tres quartos, e isto n'um lapso de tempo bastante rapido. Ainda mais, ha uma industria cujos productos cahiram em consequencia da concorrência extrema que os nossos diversos manufactores fizeram d'ellas por preços ruinosos para os productores: a industria dos papeis pintados está de publica notoriedade neste caso. Eis aqui singulares monopolios que, bem longe de produzirem a carestia, produzem a baixa do preço, que, em vez de abafarem a concorrência affastando os rivaes, multiplicam por tal modo estes e excitam de tal modo aquella, que a mesma produção soffre com elles! Taes monopolios, hão de confessal-o, são

entidades de razão tão enigmaticas pelo menos como os privilegios de ha pouco!

Ha comtudo um meio de dar um sentido a este enigma, é, quando os apologistas da liberdade do commercio vos dizem que as alfandegas constituem privilegios e monopolios, accrescentar-lhes a estas duas palavras uma mui pequena qualificação, que elles teem tido o cuidado de supprimir, a qualificação de *nacionaes*. Oh! então, o enigma é claro, ou antes não existe: as alfandegas, effectivamente, são incontestavelmente a origem de privilegios e de monopolios *nacionaes* para as sociedades cujas industrias ellas protegem, e por tanto para todos os individuos sem excepção que são membros d'essas sociedades; mas que pode um cidadão dizer contra a existencia de garantias sem as quaes o trabalho, a industria, a alimentação, a conservação, e finalmente o commercio do seu paiz, seriam entregues sem defesa a exploração do estrangeiro? e em que se tornam, em face de semelhante consideração, as declamações ácerca da perda da liberdade industrial, civil etc.? Voltam para d'onde vieram, e d'onde, para honra do bom senso publico, nunca deveriam ter sahido, — para o nada.

Dizeis que a vossa liberdade é opprimida, senão tendes o direito illimitado de venderdes por todo o globo os productos de vosso trabalho e o direito egualmente illimitado de vos fornecer les onde quizerdes dos objectos necessarios á satisfação das vossas necessidades. Mas então não tendes patria? Sois um cidadão do universo? Não reconheceis solidariedade alguma entre vós e o resto dos habitantes do paiz que vos viu nascer,

que vos educou e que vos protege? É preciso crê-lo, se chamais escravidão a sujeição ao direito commum que vos rege e a todos os vossos concidadãos. O exercicio d'este direito illimitado que reivindicaeis sómente seria possível n'uma d'estas duas condições: ou que, por um privilégio enorme e certo, este, fosseis dispensado da observancia dos regulamentos de Estado estabelecidos no vosso paiz para a protecção commum da industria e do commercio nacional, ou então que d'um polo ao outro do mundo não fosse mais que uma nação; mas nem uma nem outra d'estas hypotheses admittem discução: ninguem pode em nome da liberdade reclamar um privilegio, nem em nome do senso commum pedir um impossivel.

Mas que espera um apologista da liberdade do commercio pretendendo com esse direito, enorme ou chimerico, vender e comprar por todo o globo, libertado do respeito das necessidades de todas as nacionalidades? Espera vender mais caro e comprar mais barato. Certamente, o fim é louvavel; só é pena que o calculo seja errado.

De mais, fallam muito obscuramente d'um preço corrente das coisas no mercado geral do mundo. Esse preço corrente e esse mercado geral são chimeras, se entendem por isso o preço que podem ter as coisas em deposito ou n'um porto franco. O ideal do systema da liberdade do commercio, bem o sabemos, é chegar a fazer do mundo alguma coisa semelhante; mas o que já temos visto basta para demonstrar que esse ideal é impossivel, visto que a abolição das alfandegas destruiria, com a liberdade commercial de cada na-

ção, a de todo o universo. O preço corrente, de que fallam, não pode ser senão o que está estabelecido no mercado geral dos povos; mas esse preço corrente não resulta senão da concorrência d'esses povos. Em que se tornaria elle, com o systema da liberdade do commercio, quando essa concorrência não fosse mais possível? Será um outro; será o que a nação investida então do monopolio lhe quizer fixar, e então não venderéis mais caro nem comprareis mais barato; mas, pelo contrario, comprareis mais caro e venderéis mais barato. As provas do que digo abundam. Existe hoje a liberdade do commercio para o commercio do carvão entre a Inglaterra e a Toscana, em consequencia d'este duplicado facto que os Toscanos, no seu territorio, não possuem meio algum de fazerem concorrência aos productores inglezes, e porque estes desafiam a rivalidade de qualquer outro productor estrangeiro. O que d'aqui resulta para a Toscana é bem sabido: paga o carvão metade mais caro que os nossos departamentos do meiodia, que possuem minas de carvão e são protegidos por meio de alfandegas com a ajuda e garantia das quaes podem tal ou qual rivalisar para o seu abastecimento pelo menos com os inglezes. Vai muito d'aqui ás consequencias chimericas que esperam d'essa impossivel transformação do mundo n'uma sociedade de depositos. Emquanto á venda, era impossivel que se tornasse mais favoravel ás nações fracas com o systema da liberdade do commercio. Com effeito, essas nações seriam arruinadas; portanto, venderiam mais barato, porque não venderiam coisa alguma. Haveria na verdade uma nação que vendesse mais caro, mas uma só: seria a que,

como outr'ora Veneza, as Anseaticas ou a Hollanda, não tivesse mais rivaes nem na producção dos objectos, nem no seu transporte, na sua armazenagem nem no seu commercio.

Queixam-se depois do monopolio, vimos com que fundamento, se se tracta do interior d'uma só nação; mas, sem alfandegas, não será evidente, evidente a ponto de offuscar a vista, que a desigualdade natural das nações traria infelizmente o monopolio universal d'uma d'entre ellas em prejuizo de todas as outras? Pois bem! supprimi as alfandegas, e eis ahi no que se tornará a nossa liberdade de trabalho, de industria, de compra, etc.: em vez de terdes no territorio da vossa patria grandes monopolios nacionaes, accessiveis a todos os cidadãos, e de que só os estrangeiros serão excluido, monopolios que vos asseguram trabalho, e onde a concurrencia é de tal modo activa que a perfeição dos productos e a baixa dos preços n'ella serão constantemente crescentes, em vez destes monopolios, a origem da riqueza da independencia da Nação, ao mesmo tempo que do bem estar dos particulares, tereis um outro monopolio, o monopolio dos estrangeiros, que arruinará as vossas fabricas, lançará na miseria os vossos milhares de operarios, monopolio invejoso, dominador, desapiedado, cuja porta estará fechada para todo aquelle que, como vós, não for concidadão d'esses estrangeiros, e onde, sendo impossivel a concurrencia, a industria não progredirá e a carestia será eterna. Eis aqui o Eldorado de liberdade aonde entrareis!

E agora, que vem a ser essa desigualdade dos manufactores e dos consumidores diante da lei, em cujo systema, dizem elles, é levantando um

imposto em proveito d'uma classe sobre a generalidade dos cidadãos? Como se sustenta elle, como não tremem, n'um seculo em que a inveja tem feito nas almas tão tristes progressos, de alvoroçar, que digo eu? de sancionar os mais perigosos ataques ao principio da propriedade? Esses chamados feudos que o Estado protege não fazem elles viver milhares de operarios, que, se as alfandegas não existissem, ficariam sem pão, ou teriam de ir mendigar aos estrangeiros o seu sustento e o da sua familia? Quando o Estado os protege, que faz elle? Uma coisa tão util para a riqueza geral como para o bem estar particular. Com effeito, naturalisa com elles no solo, immensas forças productivas que restituirão ao centuplo a todos progressivamente o interesse do imposto menos pezado, visto que a baixa do preço dos productos é constante, (entre nós o ferro, o carvão e os algodões são uma prova d'isto), que ainda hoje exige a sua conservação. Sem este imposto, que aconteceria? A concorrência com os estrangeiros seria impossivel, e tanto o governo como os particulares seriam obrigados a passar por baixo das forças caudinas das suas pretensões. E é este imposto, de uma utilidade publica tão patente, que qualificam como um saque iniquo aos haveres da massa dos cidadãos em proveito d'uma classe de pessoas! Onde está a justiça e a razão? Um celebre escriptor apologista da liberdade do commercio disse com originalidade: Mas então é um imposto dos pobres! seja; a palavra é pittoresca e justa. Os impostos differenciaes, effectivamente, são a renda que pagam as nações pobres á ingratidão do seu solo, á inclemencia do seu clima, ou ao atrazo da

sua industria, para evitar o serem entregues sem defensão á avidez das nações mais favorecidas. As alfandegas, concedemol o, podem ser tomadas neste sentido: o imposto com que tributam os nacionaes é o preço de resgate do monopolio estrangeiro. E' verdade, mas que mal veem n'isso, e desde quando é prohibido ao fraco o subtrahir-se a oppressão do forte, e ao pobre o resistir ás exações do rico?

Vem a proposito a violação da liberdade do domicilio, e mesmo da pessoa do cidadão, exposto a ver os agentes do fisco exercerem em nome da lei, até na sua propria pessoa, as suas investigações e pesquisas. Imprimiram-se sobre isto volumes. Ponhamos de parte as invectivas da paixão e fallemos a lingoagem do bom senso e da justiça. Se as alfandegas, como já se demonstrou superabundantemente, são indispensaveis á liberdade da industria e do commercio das nações, é necessario que o respeito dos seus regulamentos seja mantido. Ha n'isso primeiramente um interesse de Estado, e depois uma vantagem para os particulares, que a ninguem é permittido o pôr em duvida. Mas quem pretende zombar da sua efficacia? que, apologista da liberdade do commercio por anticipação d'uma resolução de principios certamente incontestaveis, revindica a sua suppressão? O contrabandista, o defraudador. Nós perguntaremos primeiro a que titulo o contrabando, a fraude mais odiosa e mais desprezivel que um negociante pode fazer, porque os lucros, difinitivamente, resumem se n'um roubo flagrante agenciado fóra do paiz em prejuizo da industria e do commercio nacional, perguntaremos a que titulo um tal acto merece indulgencia ante

os tribunaes ou ante a lei? Singular cegueira do espirito de systema! Eis aqui philosophos, pessoas das mais honradas do mundo, que, metade por obstinação de escola, metade por força da logica, são levados a revestirem com um apparatus scientifico, o que? Racioeios de contrabandistas e de defraudadores! — Mas, dizem elles, mesmo o mais honesto dos homens pode ser exposto a essas investigações suspeitosas; e mesmo de direito e de facto o está por pouco que transponha a fronteira. Supponhamos que elle vem de Inglaterra ou da Belgica, o primeiro agente do fisco que appareça pode exigir que, por meio de uma visita corporal, mostre que não traz consigo nem algodão nem renda; ainda mais, a caza dos vizinhos de um manufactor pode ser visitada como suspeita de servir de lugar de esconde-douro a esse manufactor, e comtudo esse vizinho pode muito bem ser uma pessoa de bem incapaz de tirar coisa alguma com prejuizo do seu proximo ou do Estado. Que regimen ou ao menos que origem possivel de abuso! — Muito bem, mas apontai-nos, se o sabeis, um meio de vossa invenção que seja capaz de prevenir e fraude sem vigilancia, policia e tudo o que se segue ou pode seguir-se. Apontam, é verdade, um que é certo: é a suppressão das alfandegas. Mas que bello remedio! Para evitar que o estrangeiro tenha o trabalho de fazer ou de mandar fazer o contrabando, abrem se-lhe de par em par as portas da patria, e estabelece-se n'ella officialmente a omnipotencia do seu monopolio! O remedio com toda a certeza é infallivel; mas confessemos que seria pagal-o caro o compral-o a troco da ruina do commercio e do

paiz. Alem d'isso qual é a cobrança de impostos que está exempta de violencias e de abusos, e qual é o homem sensato que tira d'aqui a consequencia que é o imposto que é preciso supprimir? A cobrança do imposto indirecto por meio do varejo, a cobrança do imposto de sangue, como lhe chamaram energicamente, por meio do recrutamento, dão occasião de attentados legaes á liberdade do domicilio e á liberdade individual, de certo muito mais graves que aquelles que as alfandegas fazem a essas mesmas liberdades: pois bem! quaes são os homens que, armando-se dos vexames e dos abusos inevitaveis do varejo e do recrutamento, concluíram d'elles a abolição dos impostos indirectos e do exercito? Os peores anarchistas. E eis aqui, sem o pensar, em que companhia se colloca a escola da liberdade do commercio quando, fazendo o mesmo e tão falso raciocinio como esses anarchistas, deduz da violencia e dos excessos (felizmente muito raros, pelo menos em França, devemos fazer esta justiça a nossa administração) da policia das alfandegas, a necessidade da sua suppressão.

Digamos, finalmente, uma palavra sobre esta famosa analogia, pueril se é verbal, bem mal comprehendida se é real, que os apologistas da liberdade do commercio professam entre a liberdade commercial e a liberdade politica. Esta analogia não é evidentemente senão um sophisma, se pretendem, por jogo de palavras, que a liberdade do commerciante deve ser a mesma que a do cidadão. Ninguem duvida que a liberdade do negociante no interior do paiz que habita, da Nação de que faz parte, deve ser completa, e tão completa como a

liberdade do cidadão. Mas perguntamos em que analogia se fundam para conferir ao negociante fóra das fronteiras da sua patria uma liberdade illimitada que seria loucura pedir para o cidadão. Apparentemente o cidadão inglez ou francez não é de direito jurado ou eleitor para todo o universo. Não o é senão em Inglaterra ou em França. O exercicio dos seus direitos civis pára onde acaba a sua nacionalidade. A analogia de palavras em cuja fé tiram da liberdade nacional do cidadão a liberdade cosmopolita do negociante é pois simplesmente um contra-senso. Emquanto á analogia real, effectivamente interpretada judiciosamente, é profunda; mas a conclusão que d'ella dimana é a conclusão contraria á que os apologistas da liberdade do commercio tiram d'ella. E' verdade, n'um sentido elevado, o dizer que todas as liberdades são solidarias e que assentam sobre as mesmas bases. A liberdade commercial, no ponto de vista das condições da sua existencia, depende das mesmas leis que a liberdade religiosa, liberdade civil e liberdade politica. E' preciso em todas estas diversas ordens que as forças que disputam entre si o imperio se contra-balancem e equilibrem: em religião, é preciso que o espirito de exame contenha a docilidade da fé, e a docilidade da fé o espirito de exame; em materia de governo, é preciso que todos os poderes se fiscalisem e se contenham uns aos outros; em direito civil, é preciso que a egualdade saiba supportar certas desigualdades naturaes e sociaes, e que essas desigualdades tambem não opprimam a egualdade. Já vimos que era o mesmo para o commercio do universo; não é livre senão com a condição que a concorrência

entre todas as nações seja garantida, e essa concorrência também só é possível se as nações forem capazes de resistirem umas ás outras. Tal é o verdadeiro sentido de analogia de todas as liberdades. Enquanto ao que podem deduzir d'ella a favor do systema da liberdade do commercio, é a seus proprios apologistas que deixaremos o cuidado de julgarem d'ella.

Assim, eis-aqui reduzida ao seu verdadeiro valor essa grande exprobração de illiberalismo imputada á instituição das alfandegas. Se insistimos um pouco no seu exame, é porque era o mais consideravel, e uma vez destruida, as outras duas principaes accusações, que não são mais do que dependencias d'ella, cahem por si mesmas. Uma vez conhecido effectivamente que as alfandegas, ao mesmo tempo que são só e a unica garantia da liberdade do commercio das nações, não só não offendem, mas protegem os simples particulares membros d'essas nações, é claro que o bem-estar e a civilização do genero humano, longe de perderem com a existencia e conservação d'uma semelhante instituição, pelo contrario ganharão com ella. Os apologistas da liberdade do commercio negam-no, mas basta comparar n'os dois pontos os factos da sua negação para terminar a questão.

Primeiramente em quanto ao bem estar do genero humano, asseveram que as alfandegas lhe descarregam golpes funestos supprimindo a concorrência de nação para nação, substituindo-lhe por um meio violento e facticio uma concorrência interior cujo excesso no seio de cada nação é a origem de crises e desastres, retardando a formação dos capitaes, immobilizando o preço dos

salarios e fazendo seccar a fonte dos rendimentos publicos. Certamente não são nem a variedade nem a ousadia que faltam a estas novas accusações, assim como não faltavam ás primeiras; mas o que faltava áquelles tambem faz falta a estas: — o vislumbre d'uma prova em que se baseem.

Primeiro que tudo verifiquemos um facto. Se as alfandegas, como se pretende, são para o mundo a causa d'uma consumpção geral sempre crescente, como é que, e apesar d'isso, o mundo nunca esteve tão prospero como depois da adopção das alfandegas pelas differentes nações que o compoem? Como é que a riqueza dos povos só data desde o dia em que adoptaram o systema protector, e que, quantos mais povos se tem visto recorrerem ao mesmo tempo a este systema, mais tem augmentado a opulencia universal e a riqueza particular. Tudo isto é bem conhecido. Ninguem sustentará, supponho, que o universo, desde que as alfandegas o cobriram de manufacturas, não esteja incomparavelmente mais rico do que nos tempos em que não havia industria senão n'uma só localidade, ou n'uma só nação. Considerai depois todos os povos da Europa: não ha um só cuja importancia agricola, industrial ou commercial não date da adopção pelo seu governo de direitos protectores. Quando, para nos limitarmos a dois unicos exemplos, mas estes fallarão por todos, quando, digo eu, começou a grandeza colossal da Inglaterra e a prosperidade da França, não foi com o acto da navegação na primeira e os regulamentos de Colbert na segunda? Finalmente, hoje que todo o mundo está coberto de alfandegas, e que estas já não são o segredo do monopolio de um

só povo, mas o escudo de independência e da lucta commercial de todos desde que a Allemanha, a Austria, a Russia, a America, seguiram o exemplo da Inglaterra e da França, qual não foi o augmento sempre crescente á medida que o systema protector se derramou por estes povos, e que riqueza se não seguiu para cada uma destas nações? E por consequencia, porque ellas são partes do universo, que augmento não teve a prosperidade de todo o universo! Quando os apolo-gistas da liberdade do commercio affirmam que o mundo empobreceu com a instituição das alfandegas, sustentam por consequencia os factos, os factos digo, os mais vulgares o provam, o paradoxo o mais ousado e o mais falso que é possível imaginar-se.

Mas vejamos o detalhe desta singular asserção. — As alfandegas supprimem a concorrência de nação para nação. — Exemplo: não se ergue hoje uma industria, não se inventa um processo ou um instrumento de trabalho em qualquer nação que no mesmo instante todas as outras, graças á protecção das alfandegas, não se apressem a acclimatarem no seu solo essa industria, a transportarem para as suas officinas esse instrumento, esse processo no seu methodo de trabalho. A Russia, a Prussia, a Suissa, imitaram já, com vantagem consideravel, auxiliadas pelos seus direitos protectores, a nossa industria sericola. Nós naturalisamos pelo mesmo processo, no nosso paiz, as industrias do algodão e do ferro tão antigas na Inglaterra. Os inglezes, egualmente, e sempre auxiliados pelo mesmo methodo, estabeleceram no seu paiz fabricas de vidros que imitam os nossos cris-

taes, os nossos espelhos, etc. etc. Eis aqui como as alfandegas supprimem a concorrência entre as nações; é exactamente o contrario: sem ellas, esta concorrência que começa sempre por uma imitação, morreria ao nascer e seria impossível. — Segue-se, as alfandegas exaggeram a concorrência interior. — Ah! apraz-nos ouvir dizer que as alfandegas desenvolvem a concorrência; mas, digamos de passagem, como é que harmonizais isto com o que pretendicis, que estas mesmas alfandegas constituem monopolios e feudos? E' mister escolher: ou as alfandegas matam a concorrência, ou a exaggeram; eis aqui uma das duas censuras que se pode logicamente ao menõs endereçar-lhe mas endereçar-lh'as ambas ao mesmo tempo, é na verdade abusar muito do espirito de censura. No entretanto, pode-se mesmo com algum fundamento sustentar que as alfandegas exaggeram a concorrência? Pode-se tanto como poderam provar-nos que ellas a estorvam. A exaggeração da concorrência interior não é motivada pelas alfandegas. Vemos todos os dias uma concorrência desenfreada estabelecer-se entre industrias ou commercios que não teem protecção. O engodo dos lucros, o numero da população, a desigual repartição do povo das cidades e das aldêas, eis aqui as verdadeiras causas dos desastres que traz sempre uma concorrência excessiva. Alem de que, era bom methodo de corrigir os abusos da concorrência interior o accrescentar lhe um elemento mais, e que elemento! a concorrência estrangeira! — As alfandegas, diz-se ainda, demoram a formação dos capitaes. — Demonstração: Desde que os dois continentes se cobriram de alfandegas, os capitaes que

superabundam em Inglaterra trespordam debaixo da forma de moeda, de machinas ou de operarios, em todas as nações do mundo; protegidos pelas alfandegas d'essas nações, estes capitaes trazem meios de trabalho e de concurrencia para onde os não havia; permittem fazer em seis mezes o que sem elles se não faria em seis annos. O emprego notorio dos capitaes inglezes em todas as grandes emprezas industriaes da Europa e da America demonstra o que dizemos. Eis aqui como as alfandegas retardam a formação de capitaes: chamando para os paizes pobres ou atrasados o dinheiro, as machinas, os processos, os operarios, a experiencia, todos os elementos essenciaes do capital n'uma palavra, dos paizes mais ricos ou mais adiantados. — As alfandegas, diz-se tambem, immobilizam o preço dos salarios. — Exemplo: Ha mais de trinta annos que a França, mais que nunca, está nas malhas d'esse odioso systema protector, não ha industria em que os salarios dos operarios não tenha augmentado; em muitas, duplicou. — Finalmente as finanças das nações soffrem com a instuição das alfandegas.—E' primeiramente o que custa a comprehender: custa a comprehender na verdade que o thesouro francez, por exemplo, soffra recebendo annualmente pela cobrança dos direitos de suas alfandegas para cima de 150 milhões de francos. Pretende-se sair d'esta difficuldade dizendo que supprimidas as alfandegas, os capitaes se formariam com mais rapidez; por consequencia augmentaria o trabalho e portanto haveria maior producção de riquezas, e finalmente seria possivel uma cobrança muito mais consideravel sobre a riqueza nacional. A infelicidade é termos nós

já demonstrado que as alfandegas, pelo contrario, são favoraveis á formação dos capitaes, e que mesmo, sem ellas nenhuma industria conseguiria sair do paiz aonde se tivesse desenvolvido: o que nos dispensa de acompanhar mais adiante (ao menos por enquanto, por que lá voltaremos), os financeiros do commercio livre.

Falta occuparmo-nos da civilisação. — As alfandegas, se tivermos de acreditar os apologistas da liberdade do commercio, e é este por certo o mais poetico dos tres generos de censuras que elles lhes fazem, as alfandegas são um instrumento de selvageria cuja existencia oppõe um obstaculo deploravel aos progressos da civilisação. Todos os povos, dizem elles, em virtude das alfandegas, imaginaram a pretensão contradictoria de dispensar as industrias alheias, e de exportar tanto quanto possivel para fóra do paiz o excedente das producções do seu solo e da sua industria. Como se, desde o momento que um só povo adoptou o systema protector proclamando-o como o unico razoavel, não recommendasse por este mesmo facto a sua adopção a todos os outros povos! Com effeito, este funesto exemplo uma vez dado achou logo imitadores. E que resultou d'aqui! A divisão do globo em repartimentos cellulares no interior dos quaes cada nação se obstinou a viver só no deserto d'um egoismo mesquinho e ciumento. Os odios nacionaes, n'este triste systema, mantiveram-se até o meio das luzes modernas, tão selvagens como nos seculos menos policiados. Habituarão as nações a imaginarem que é do seu interesse prejudicar as nações visinhas, e tem-se visto as maiores nações gladiarem se, em prejuizo do progres-

so moral do genero humano, com o espirito de louca concurrencia que incita os logistas de uma mesma rua a prejudicarem-se reciprocamente. Eis aqui o que as alfandegas fizeram da sorte da humanidade, eis aqui para que caminho de trevas e de humilhações ellas a impellem!

O leitor supprira facilmente as bellas coisas que com a menor rethorica o espirito de partido é capaz de phantasiar sobre um texto tal; mas para nosso uso é bastante referir o fundamento destas declamações sem nos importarmos com o estylo florido. Os curiosos, se os ha, desta especie de litteratura poderão alem disso satisfazerem-se amplamente, se quizerem, na collecção já immensa de volumes de todos os formatos, desde o mais pezado em —4.º ao mais modesto em —32, que, desde ha sessenta annos, se tem amontoado. Deixemos estes discursos vãos, e demoremo-nos simplesmente nos seus chamados principios que são a inesgotavel origem delles.

As alfandegas estorvaram a civilisação. — Mas ahi temos nós uma coisa surprehendente. Poderíamos remontar até aos tempos mais obscuros para verificarmos alli a verdade d'este bello paradoxo; mas contentemo-nos, o exemplo é sufficiente, em examinar a civilisação moderna. Como é que esta civilisação data justamente desde os reinados da rainha Anna e de Luiz XIV, isto é, da epocha exacta em que as alfandegas começaram a ser concurrentemente adoptadas pelas duas nações mais illustradas do globo? como é que esta civilisação desde essa epocha em que o systema das alfandegas se augmentou ou vulgarizou, é que cessou de crescer? O obstaculo não é pois tão conside-

ravel como affirmam; tem mesmo bem pouca força, para não impedir que as luzes se espalhassem pelo mundo em menos de dois seculos com a rapidez d'uma torrente? Mas vamos mais adiante: é facil de mostrar, de mostrar com uma palavra que a instituição das alfandegas, longe de estorvar a civilisação moderna, pelo contrario a auxiliou. Se ha com effeito um caracter pelo qual esta civilisação se distingue de qualquer outra, é o numero dos actores que tomam parte no seu desenvolvimento. Na antiga civilisação, nunca ha mais que um só povo ao mesmo tempo sobre a scena da historia que esteja encarregado dos destinos do genero humano. O caracter da civilisação moderna pelo contrario, é chamar tanto quanto seja possivel todos os povos a trabalharem para a obra do destino commum. Pois bem! supprimi as alfandegas, faltará á civilisação moderna uma das suas molas mais poderosas: em vez de vermos, como hoje, sete ou oito povos grandes consagrando-se a um tempo ao desenvolvimento da civilisação, não se veria, como outr'ora, como na antiguidade, como na idade media, senão um só. Eis aqui o que a civilisação teria ganhado com a conservação do systema que, anteriormente ás alfandegas, perpetuava, transmittindo-o indefinidamente das mãos d'uma nação para as de uma outra, o regimen do monopolio! Vejamos comtudo em algumas linhas como é que justificam tão singulares asserções.— As alfandegas, primeiramente poseram a humanidade no regimen cellular; estorvaram as relações de nação para nação.— Como é que estas relações nunca estiveram tão augmentadas como hoje? A França, essa França toda coberta de alfan-

degas e que se representa, imagem que começa a ser tão velha como é falsa, como cercada d'uma muralha da China, a França, desde ha quinze annos, não cessou de ver o seu commercio com os estrangeiros, tanto em importações como em exportações, augmentar n'uma proporção e com uma rapidez agigantadas; o seu valor passou, n'esses quinze annos, de 1,500 milhões a 2,800,000,000; differença para mais de, 86 por 100! Eis aqui, em relação ao paiz mais protegido do mundo, o resultado de esse systema cellular! — As alfandegas, em segundo lugar, conservam velhas animosidades nacionaes e perpetuam as guerras. — Ha quarenta annos que estamos em paz; procurai bem na historia da Europa se encontrareis um tão longo periodo de tranquillidade geral. Depois, imaginam que bastaria abolir as alfandegas para tornar a guerra impossivel? A guerra nasce da opposição dos interesses dos povos, da sua ambição ou da dos principes que os governam. Por acaso, se não houvesse mais alfandegas, não teriam os povos senão interesses communs, e não se veriam mais no mundo nações conquistadoras nem principes ambiciosos?

Paremos aqui, seria fazer uma injuria ao bom senso o insistir mais; á força de não achar para combater senão sombras, a penna acaba por cahir das mãos.

Eis ahí pois esses soberbos criticos da instituição das alfandegas! Não temeram o mostral-as revestidas com toda a sua pompa; vêem-nas agora em toda a sua inutilidade. Liberdade, bem-estar, civilisação, tudo morria com as alfandegas, a damos credito aos apologistas da liberdade do com-

mercio. Examina-se o caso com a simples luz do senso commum, vê-se pelo contrario que, sem alfandegas, a civilisação, bem-estar, liberdade, tudo fica comprometido no mundo.

Tudo isto, acrescentado ao que já vimos, hão de confessar, começa a formar não só contra a solidéz dos principios da liberdade do commercio, mas contra a eventual vantagem da sua pratica, uma reunião de factos singularmente desfavoráveis. Vimos primeiramente que o dado essencial daquelle systema era falso, visto que pretendia desenvolver a liberdade do commercio por um meio contrario ao espirito de seus principios; acabamos de ver depois que o systema estabelecido, ao qual tende a substituir se, não só resiste ás censuras mais especiosas que os seus adversarios teem dirigido contra elle, mas acha tambem na facil demonstração do nenhum valor dessas censuras uma confirmação inesperada; a consequencia assim parece, que desde agora é impossivel não tirar d'alli, é que o systema da liberdade do commercio, tão temerario nas suas accusações como fraco nas suas bases, não poderia ser senão chimerico nas suas promessas. Uma tal conclusão, certamente, é legitima, e para nós, que a fizemos sair pouco a pouco de premissas todas fornecidas pela natureza e pela historia, não hesitamos deste o ponto em que estamos em a considerar fóra de duvida. Mas a demonstração comtudo, posto que sufficiente, não ficaria completa se não fossemos mais longe. Ouvimos os apologistas da liberdade do commercio accusar a instituição das alfandegas como obstaculos á realisação dos planos infalliveis de liberdade, de felicidade e de civilisação, de que teem,

dizem elles, as mãos cheias; pois bem! para que o conhecimento seja completo: ponhamos, ao menos na imaginação, custariam caro se fosse na realidade! o systema da liberdade do commercio em execução. Supponhamos as alfandegas destruidas, chegados os tempos prophetisados e os apologistas da liberdade do commercio encarregados da direcção do destino dos povos; tornar-se-hiam estes mais livres, mais felizes, mais civilisados? E' do que vamos occupar-nos.

---

The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the world. The author discusses the various theories of the origin of life and the development of the human race. He also touches upon the different stages of civilization and the progress of science and art. The second part of the book is a detailed account of the history of the world from the beginning of time to the present day. It covers the various empires and nations that have risen and fallen, and the events that have shaped the course of human history. The author's style is clear and concise, and his treatment of the subject is both comprehensive and interesting. The book is a valuable addition to any library and is highly recommended to all who are interested in the history of the world.

## CAPITULO IV.

### NO QUE SE TORNA A LIBERDADE COM O SYSTEMA DA LIBERDADE DO COMMERCIO.

Vamos suppor d'aqui por diante que ignoramos todos os defeitos do systema da liberdade do commercio. Vimos que os seus fundamentos eram até viciosos; esquecer-nos-hemos d'isso. Os geometras tem duas especies de methodos para demonstrar a verdade: n'um, a que elles chamam directo, não tiram as provas da proposição que querem estabelecer senão do mesmo texto d'essa proposição; no outro, a que elles chamam demonstração pelo impossivel, suppõe que essa proposição é falsa, e examinam quaes são as consequencias da hypothese d'essa falsidade; se essas consequencias são absurdas, concluem d'ahi que a hypothese em si está mal fundada, e que o theorema de que é negação é justo. E' a uma prova de esta ultima especie que desejamos submeter o systema da liberdade do commercio. Vimos a rasão da existencia e as vantagens da instituição das al-

fandegas; vamos agora representar, ao menos em imaginação, quaes seriam as consequencias do triumpho d'uma doutrina que tem em vista a sua abolição.

Seja assim; o mundo inteiro é por hypothese entregue ao systema da liberdade do commercio, a superficie inteira do globo não offerece mais barreiras ás communicações dos povos do que offereriam, se ahi se effectuassem transacções, a extensão do ar ou do mar. Não se pode suppor que isto tenha lugar senão em dois cazos: ou que as alfandegas nunca existiram em parte alguma, ou que n'uma epocha qualquer da historia das nações, foram ou serão supprimidas. Pois bem! vejamos n'um ou n'outro caso quaes seriam as consequencias d'um tal regimen para o commercio do mundo, e primeiramente, porque tudo o mais evidentemente se seguirá, no que se tornaria a sua liberdade.

O primeiro caso da hypothese é que nunca houve alfandegas. A humanidade, n'um certo momento, debaixo do imperio de causas inevitaveis, dividiu-se em nações, mas os territorios d'essas differentes nações ficaram sempre abertos uns aos outros, e essas nações não formaram senão uma sociedade ou unica republica commercial, em cujo trajecto o transporte ou a troca das mercadorias nunca encontraram obstaculos. Trata-se de saber no que depois d'uma tal experiencia se tornaria a liberdade commercial encarada debaixo de todos os seus aspectos: primeiramente debaixo do aspecto da producção, origem do commercio; depois debaixo do aspecto do consummo, alimento d'esse mesmo commercio; finalmente debaixo do aspecto

da troca, intermediária necessaria entre a produção e o consummo. Por outras palavras, o problema que temos para resolver decompõe se por si mesmo nas tres perguntas seguintes: Em que tornaria o systema da liberdade do commercio 1.º a liberdade do productor, 2.º a do consummidor, 3.º a das nações consideradas como commerciantes?

E' logo evidente que a liberdade do productor, por outro modo a liberdade do trabalho, receberia um golpe funesto com essa adopção do systema do commercio livre por toda a terra. Cada nação, effectivamente, achar-se-hia fatalmente reduzida a cultivar e a aperfeiçoar o genero de industria cujas materias primas e elementos a sua latitude e clima lhe distribuisse uma vez por todas. Eis aqui claramente o que aconteceria. O universo industrial cabiria na condição em que estava o antigo Egypto. Toda a nação ficaria limitada á sua industria natural, seria prohibido e impossivel a qualquer o sair d'ella; as industrias ficariam entrincheiradas e perpetuadas no solo que as viu nascer, como nos Egypcios, nas familias que as exerceram uma vez; a industria da seda floreceria na China, a do algodão na India, a da lã no Thibet, etc., e nunca teriam emigrado. Esta consequencia, digo eu, seria inevitavel; a prova d'isto salta aos olhos. Só com a ajuda das alfandegas, como todos sabem, é que effectivamente um paiz privado d'uma industria consegue acclimatal-a no seu solo. Se a Inglaterra quando quiz tirar a criação dos gados, o fabrico da lã e a marinha ás Anseaticas e á Hollanda; se a França, quando introduziu n'ella os pannos, as rendas e os espelhos, se se limitassem uma e outra a chamar para o seu solo as

materias primas e os operarios estrangeiros, e se não podessem proteger por meio de pautas os começos das industrias de que queriam appropriar-se, ninguem duvida que essas industrias seriam abafadas ao nascer pela concorrência das nações ás quaes as subtrahiam. Os Anseaticos, os Flamengos, os Hollandezes, os Venezianos destruiriam, só por meio dessa concorrência, as manufacturas criadas pelo talento de Isabel e de Colbert, mesmo antes que os edificios de exploração estivessem acabados. O que digo aqui é claro como o dia; o systema das alfandegas, é o processo eterno e unico por meio do qual uma nação consegue subtrahir a uma outra, em totalidade ou em parte a exploração, de certa industria que floresce exclusivamente n'esta. Com o systema da liberdade do commercio, por consequencia, em que se tornaria a liberdade do trabalho? Escravo do clima que o visse nascer, servo da gleba nacional onde estivesse ligado, o productor, encerrado pela natureza e pela tradição n'um circulo de ferro, não teria a liberdade de applicar o seu talento a sua actividade senão a uma ou duas industrias sómente; todas as outras lhe seriam prohibidas, e o talento dos povos feneceria, escravo eterno da inclemencia dos céos ou da ingratição do solo onde o acaso lhe estabelecesse a origem. Eis aqui no que se tornaria a liberdade do trabalho no mundo se as coisas, como dizem os apologistas da liberdade do commercio, nunca fossem estorvadas no seu curso natural. Esse curso natural teria eternamente arrastado na sua corrente a escravidão irremediavel do engenho industrial da humanidade

Por ventura exaggero? Vede a Inglaterra. Que solo tão ingrato a principio! Não é mais que um penhasco em que a terra vegetal, continuamente inundada de chuva, produz unicamente o necessario para a subsistencia de seus habitantes. Em vão conceda a natureza a estes uma actividade maravilhosa; privados de alfandegas, não podem naturalisar no seu paiz a criação de gados, cujo estrume e lã seriam capazes portanto de transformar a sua agricultura e de crear a sua industria. Victima do *curso natural das coisas*, é preciso que toda a civilisação industrial ingleza pereça no germen; bastaria, os factos já o mostraram, que a liberdade do trabalho em Inglaterra fosse protegida por meio de pautas para que a civilisação progredisse consideravelmente; mas não é assim, o *curso natural das coisas* oppõe-se a isso! Não é natural que pessoas a quem a Providencia não concedeu gados fabriquem lãs e alevantem manufacturas de pannos; a Inglaterra não terá pois nem pannos, nem lãs, nem gados; embora o céu lhe desse thesouros de invenção, de actividade e de audacia industrial, maritima e commercial, que importa isso! seriam precisas alfandegas para o livre emprego d'estes thesouros; para gloria do commercio-livre todos estes thesouros morrerão! Certamente, o *curso natural das coisas* não devia levar os inglezes a cultivar n'um dos mais tristes climas do mundo, uma planta fiavel que não cresce senão aos raios do sol da America ou das Indias; não havia nada de menos natural no mundo do que ver o barbeiro de Arkwright estabelecer manufacturas de algodão nos condados de Derby, de Lencastre e de Lanark. Comtudo sem

as alfandegas, que permittiram a Arkwright o fazer á natureza esta violencia de talento, a liberdade de cultivar o algodão em Inglaterra seria prohibida, e pereceria toda essa colossal industria. Um ultimo exemplo. Encontrou-se em França, no começo deste ultimo seculo, um homem que a natureza havia dotado, tambem a elle, d'uma vontade e d'um genio incomparaveis, o imperador Napoleão; segundo o *curso natural das coisas*, esse manufactor sem egual, privado pela ausencia das alfandegas de toda a liberdade de industria, chegaria a acclimatar no norte da França um alimento originario das Antilhas?

Um grande orador, n'uma discussão que a sua voz tornou celebre, disse a este respeito: « Toda a Europa,.... follicai um mappa-mundi.... toda a Europa não é nada em relação ao resto do mundo.... Que lhe deu Deus? Carvalhos, pinheiros, pastagens, poucos cereaes.... pelo contrario, deu á China a seda, á India o algodão, á Arabia o cavallo.... prodigalisou tudo a essas outras partes do mundo.... mas, na Europa, que havia de superior?.... Uma só coisa, o homem, o homem !..» — Palavras admiraveis de verdade e de grandeza! Sim, com effeito, o homem, o homem só, eis aqui qual foi na origem a unica riqueza desta Europa então desherdada, hoje tão brilhante; mas que teria acontecido, pelo admiravel systema da liberdade do commercio, privado com as alfandegas do meio de importar e de estabelecer no seu territorio as industrias de um céo mais feliz, o Europeu se visse, escravo do seu clima e do seu solo, na impossibilidade de arrancar coisa alguma á inclemencia de um nem a esterilidade do outro? Teriam ve-

getado, a Europa e elle, barbaros, iacultos e pobres. Agarrado como o animal á gleba onde a desgraça do seu nascimento o lançou, o homem na Europa, em vez de fazer da sua patria o mais rico paiz do mundo, deixal-o-hia tal como a *natureza das coisas* lh'o deu; e eis aqui a que o systema da liberdade do commercio reduziria a mais nobre das raças humanas, eis aqui o que teria feito da mais sagrada de suas liberdades: a liberdade da sua intelligencia e de seus braços.

Mas a liberdade tambem do consummidor, essa liberdade tão estreitamente dependente da do productor não resistiria tambem á execução do systema do commercio livre. Nenhum comprador é livre se não tem a faculdade de escolher entre os productos e as pretensões de muitos vendedores. O commercio livre fazendo de cada nação como que uma tribu natural, onde a mesma industria seria sempre exercida e da qual nunca poderia sair, monopolios sem rivalidade possivel se apoderariam de todas as industrias em toda a superficie do universo. O genero humano seria tributario d'uma só nação por meio do abastecimento dos productos da industria exclusivamente exercida n'essa nação. Esses productos seriam mais raros; na ausencia da concurrencia estrangeira, a sua perfeição nunca augmentaria: a carecia e a immobibilidade, taes seriam os caracteres da industria do mundo. O comprador seria por toda a parte a victima forçada desse estado de coizas; nunca poderia abastecer-se senão n'um só vendedor, e este conservaria sempre o preço de suas mercadorias sem ser fortemente excitado a melhorar-lhes a qualidade. Tal era a parte do consummidor nos

gosos sem numero do systema da liberdade do commercio; e soffreria sempre e fatalmente na satisfação da maior parte de suas necessidades o jugo de monopolios estrangeiros.

Isto não são simples conjecturas. É um estado historico do mundo, a cuja lembrança já recorreremos muitas vezes e que pode justificar amplamente o que dizemos das consequencias necessarias do estabelecimento do commercio livre. Este estado, tão approximado quanto é possível do regimen preconizado pelos apologistas da liberdade do commercio, é o que precedeu na historia a adopção por muitos povos ao mesmo tempo do systema protector. O comprador n'aquella epocha, experimentava quasi todos os beneficios do commercio livre. Cada nação estava reduzida á sua industria natural: um povo mais commerciante e mais bem situado que os outros tornava-se o transportador dos mares e comprehendia a recovagem do globo. Eis aqui o que se seguia para o consummidor: 1.<sup>o</sup> impossibilidade de encontrar dentro do seu paiz a maior parte dos objectos essenciaes para a sua subsistencia e para o seu trabalho; 2.<sup>o</sup> necessidade de mandar vir esses objectos das nações onde os havia, graças ao *curso natural* religiosamente respeitado *das coisas*, a fabricação exclusiva. Essa nação então, senhora da producção, tributava, feita com o povo que lhe servia de transportador, o mercado do universo: nenhum consummidor podia passar sem ella, e todos, com pena de lhe faltar quasi que o necessario, eram obrigados a curvar a cabeça diante das suas pretensões. Esta idade d'ouro, em que o espirito de rapina de um negociante investido do monopolio, combinado com

o espirito de exacção d'um productor posto, pelo *curso natural das coisas*, em posse d'um privilegio exclusivo de fabrico, explorava a necessidade sem defensão do consumidor, tal é o regimen que a theoria do commercio livre perpetuaria até os nossos dias, se o seu espirito continuasse a prevalecer. Compare o consumidor illustrado do seculo XIX<sup>o</sup> a sua liberdade de compra, tal como a crearam e tal como a sustentam as alfandegas, com a horrivel oppressão que pesava em nossos desgraçados avós quando o commercio das nações, privado de toda a protecção, era tão visinho quanto é possível do systema da liberdade do commercio, e avalie!

Evidentes, se tratarmos da liberdade do trabalho e da troca dos individuos, todas essas considerações não o são menos, applicadas á liberdade do commercio das nações. É facil avaliar não que se tornou o commercio de nação para nação debaixo do imperio do commercio-livre. Os cinco ou seis grandes monopolios naturaes entre os quaes esse commercio seria dividido a principio, debaixo da acção continuamente crescente tanto da desigualdade do valor desses monopolios como das differenças de talento e de actividade de seus possuidores, se fossem um dia necessariamente subordinados ao mais poderoso d'entre elles, e o universo cahiria debaixo do jugo d'uma monarchia commercial universal. Algum sequaz da liberdade do commercio vai talvez exclamar aqui e dizer: — Mas a escola demonstrou definitivamente que os productos não se trocavam senão por outros productos. Esta compra da liberdade geral do mundo seria pois impossivel, porque os differentes mono-

pollos naturaes fariam concurrencia uns aos outros e equilibrar-se hiam. Excepção d'uma grande innocencia. Sem duvida os productos, definitivamente, não se trocam senão por outros productos; e fazendo-o ver a *escola* teve o trabalho de demonstrar uma coisa perfeitamente clara. Mas, para dar productos em troca d'outros productos, e não acabar por perder a sua liberdade n'um tal commercio, é preciso duas coisas; 1.º hayer productos para trocar por outros productos; segundo possuir cada um productos de valor igual ou equivalente. Pois bem, colloquemo-nos n'esse estado chimerico de natureza, que é o ideal dos apologistas da liberdade do commercio: os diferentes climas e portanto os diferentes povos tem elles naturalmente productos para trocar por outros productos? Não; sem as suas manufacturas cujas materias primas ainda foram a maior parte tiradas d'uma outra latitude, o que é que a Europa, por exemplo, poderia nunca fornecer á Azia? Mas, pelo contrario, tudo é desigual no mundo, e não ha povo cujos productos naturaes sejam equivalentes aos d'um outro povo. O valor da colheita do algodão não é igual á dos cereaes, nem a do vinho á do carvão de pedra, etc.; ha sempre n'um vasto trafico um saldo em numerario que os mais pobres derramam no thesouro do mais rico. E' o que Colbert, Montesquieu e o imperador Napoleão, que não eram tão habeis que fossem apologistas do commercio-livre, chamavam a balança do commercio. No systema da liberdade do commercio, essa balança seria impossivel, e eis aqui o que resultaria d'ella: o povo dotado pela natureza das produções mais preciosas trocaria

com o seu visinho menos favorecido uma parte da sua colheita pela colheita inteira d'aquelle, e ainda em cima uma certa porção de dinheiro. D'anno para anno, o pagamento d'esta differença (por que vós tendes razão, definitivamente não se pagam productos senão com outros productos), o pagamento d'esta differença esgotaria cada vez mais as economias do mais pobre; ficaria endividado com o mais rico. Não tendo nem productos nem dinheiro de contado a dar-lhe para equilibrar os valores de suas exportações reciprocas, chegaria primeiramente a não pagar senão os juros da sua divida. Os juros trazem as hypothecas. Mas que pode um povo dar como penhor, depois de ter esgotado o seu dinheiro e productos? O seu territorio. E' isto o que o systema da liberdade do commercio traria e muito rapidamente entre os diferentes monopolistas naturaes do globo. O mais poderoso tomaria bem depressa por hypotheca o solo menos rico, e, a divida hypothecaria crescendo, d'um dia para o outro haveria necessidade da expropriação total do terreno. Ora, quando um povo chega a expropriar o solo de um outro, que resta da liberdade commercial, não querendo fallar da independencia politica nem da nacionalidade d'este?

Hypothese! dirá um apologista do commercio-livre, — Não fazemos hypotheses; as vossas curariam o genero humano da mania de as fazer. A historia attesta o que acabamos de demonstrar. No começo do seculo XVIII<sup>o</sup>, Portugal, graças aos sabios regulamentos d'um ministro formado pelos exemplos de Colbert, o conde de Ericeira, gosava d'um commercio prospero e livre. Ericeira, arrancou o seu paiz da miseria em que o lançara a des-

coberta do Novo-Mundo, acclimatando n'elle por meio de pautas o fabrico dos pannos. Morreu; um habil diplomata inglez, M. Methuen, conseguiu, em 1703, persuadir o governo portuguez que renunciasse ao systema protector para felicidade commum das duas nações. Voltou-se ás doçuras da lei natural de portuguez para inglez e de inglez para portuguez. Sabeis as consequencias: os rendimentos publicos e até o mesmo solo de Portugal estão hypothecados hoje á Inglaterra. Eis aqui de que modo é vantajoso o commercio livre para o commercio das nações pobres! Outro exemplo: este é de hontem; confirmou a nossos olhos a eterna verdade dos principjos, é o exemplo do Texas. O Texas em 1835 separa-se do Mexico. Constituido em nação independente, com uma divida consideravel e privado de recursos, pede emprestado a principio a seus concidadaos mais influentes as sommas necessarias para o custeio da sua administração. Mas essas sommas acabam por já não encontrarem senão uma garantia insufficiente no valor do territorio nacional; os capitalistas, mais sollicitos em receberem os juros da sua divida do que em conservarem a sua nacionalidade, apoderam-se do penhor de que estavam em posse e poem no em venda. Esse penhor era o mesmo Texas; apresenta-se um comprador visinho e rico, e é assim que o Texas, depois de alguns annos sómente de independencia, foi annexado aos Estados-Unidos d'America. Tal é por toda a parte a consequencia do commercio livre entre duas nações: a mais forte acaba não só por abafar a liberdade commercial da mais fraca, mas até por obrigar-a a ceder-lhe o seu territorio, o seu rendimento e até a sua nacionalidade.

É inútil insistir mais; vê se no que se tornou a liberdade do commercio no primeiro caso da nossa hypothese, a adopção originaria, universal e perpetua do regimen do commercio-livre. Particulares e nações, todos teriam sido, seja como productor, seja como consummidor, a victima forçada do monopolio.

Digamos mais uma palavra, antes de passarmos mais adiante. Disseram que neste systema os commerciantes, quero dizer os particulares que fazem profissão de exercer o commercio, gosariam de uma liberdade que as alfandegãs restringiram extremamente. Quando mesmo esta objecção fosse fundada, não enfraqueceria a gravidade das conclusões a que chegamos. Quando fosse verdade que o commerciante aproveitaria com um systema que arruinaria, em proveito do monopolio d'um só povo, toda a liberdade de producção, de consumo e de commercio no resto do mundo, certamente não seria uma razão para lamentar o systema do commercio-livre. A liberdade do commercio é alguma coisa de mais precioso do que o pretendido direito de fazer tudo que revindicam para os commerciantes. Mas não é mesmo verdadeiro que o commercio livre fosse favoravel á profissão do commercio. Haveria menos commerciantes com o systema da liberdade do commercio, porque haveria menos commercio, e haveria menos commercio, porque a producção sendo opprimida em todos os paizes do mundo pelo monopolio de um só povo, haveria menos productos e por consequencia menos coisas commerciaveis. E' o que a historia tambem prova sem replica. E' incontestavel que ha mais negociantes depois da instituição

das alfandegas do que nunca houve no mundo; e porque é isto? E' porque as alfandegas, multiplicando as manufacturas, multiplicaram a quantidade dos productos, isto é, das unicas coisas susceptiveis de commercio. Alem d'isso, se as facilidades do commerciante receberam algum prejuizo com as alfandegas, a sua liberdade propriamente dita não soffreu com ellas. A prova irrecusavel disto está no progresso agigantado que a concorrência não cessou de fazer desde dois seculos.

Voltemos agora ao segundo caso da nossa hypothese: as alfandegas estão estabelecidas, e n'uma epocha qualquer da historia propõe o supprimil-as para maior beneficio da liberdade do commercio. Só direi uma palavra sobre este segundo caso: não merece, na realidade, depois do que se acabou de ler, mais longa consideração. É que, como as nações são sempre deseguaes entre si, e que em qualquer momento dos annaes passados ou futuros do genero humano que se imagine, é inevitavel que haja povos mais ricos e mais poderosos uns que os outros, uma revolução que suprimisse as alfandegas em toda a extensão do universo, alem de todos os outros effeitos do systema do commercio-livre, traria esta calamidade de mais, a de arruinar em cada nação todas aquellas industrias, que não foram alli criadas e que não prosperam nellas senão protegidas por meio de pautas. Deixamos para avaliar o que resultaria daqui para a liberdade do trabalho e das trocas na superficie do globo.

Poderíamos terminar aqui o que é necessario dizer dos effeitos do commercio-livre a respeito da liberdade do commercio, e talvez nos de-

morassemos mais nesta materia do que aquillo que merecia. Comtudo ahi vai mais uma ultima consideração que é tambem de interesse assignalar ao leitor.

Notou-se com razão que um dos grandes caracteres da escravidão era a uniformidade. Toda a tyrannia, effectivamente, quer reinar igualmente em todos os lugares do seu imperio, e para isso importa que nenhuma desigualdade despedace ou illuda a unidade da obediencia commum. O despotismo commercial, que tão bem realisa o systema do commercio livre, tem a paixão dos outros despotismos, do despotimo religioso, politico, etc.; gosta da uniformidade. E' assim que pretende submeter o mundo inteiro, a despeito da infinita diversidade de suas paixões, de seus costumes, e até, das suas necessidades, á intoleravel oppressão de um unico regimen economico. Tal é na realidade todo o espirito d'essa chamada republica commercial universal que, se por desgraça do genero humano se realisasse, estenderia sobre um mesmo leito de Procusto, para alli egualar em estatura as condições de existencia, o talento, as necessidades e a actividade de todos os povos. Em vão o mundo não é nem um, nem immovel; em vão está dividido em nações desegualmente dotadas, situadas, civilisadas, cujos interesses raramente communs dependem de mil causas diversas que tambem essas mudam continuamente com o tempo. Pouco importa á tyrannia do commercio-livre: estando a unidade do seu jugo immutavel sobre essa innumeravel variedade e sobre essa infinita mobilidade da vida do universo. Povos continentaes e povos insulares, agricolas e manufactores, atraza-

dos ou chegados a uma extrema civilização, habitantes da zona torrida ou da zona glacial, possuindo o mais vasto ou o mais pequeno território, cercados de vizinhos ou desterrados no fundo da solidão, dotados do talento do commercio ou do das artes, o commercio-livre tem as mesmas regras para todos, regra unica que são obrigados a seguir, embora os opprima ou favoreça, embora as enriqueça ou os arruine. Na verdade, admiravel meio de garantir a cada povo a liberdade do seu trabalho e do emprego de seus productos! Comparai este systema inintelligente e oppressor com os innumerables recursos do regimen protector. Este é tão diverso e tão movel como o proprio mundo: amolda-se por assim dizer ás necessidades de todos os lugares e de todos tempos. Aqui e em certa epocha, debaixo do imperio d'esta ou d'aquella necessidade, os direitos de alfandega podem elevar-se até se tornarem prohibitivos; modifica-se ou cessa essa necessidade, os mesmos direitos poderão chegar a não conservarem senão um character puramente fiscal. A liberdade commercial das nações encontra assim em todas as idades um apoio nas alfandegas: primeiramente, são a unica salva-guarda do seu estabelecimento, um pouco mais tarde da sua conservação; mais tarde ainda do seu desenvolvimento. Com effeito, a barreira movel com que cobrem a industria dos povos pode abaixar-se ou elevar-se conforme as menores e mais momentaneas necessidades d'essa industria o exigem. Que arma na mão de habeis estadistas para a defesa e desenvolvimento da liberdade do mundo! Pois bem, é essa arma que os apologistas da liberdade do commercio despedaçam; e são

essas tradições protectoras da independencia do commercio de todos os povos que pretendem abolir; e para que? Bem o vedes; para lhe substituir, com o nome, que na verdade bem lhe cabe aqui, de republica, um regimen, em que nenhuma nação teria a liberdade de dirigir o seu destino, nem de dispôr da sua intelligencia!



CENTRO CIENCIA VVA  
HÓMULO DE CARVALHO



RÓ  
MULO



CENTRO CIENCIA VVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329643580\*

